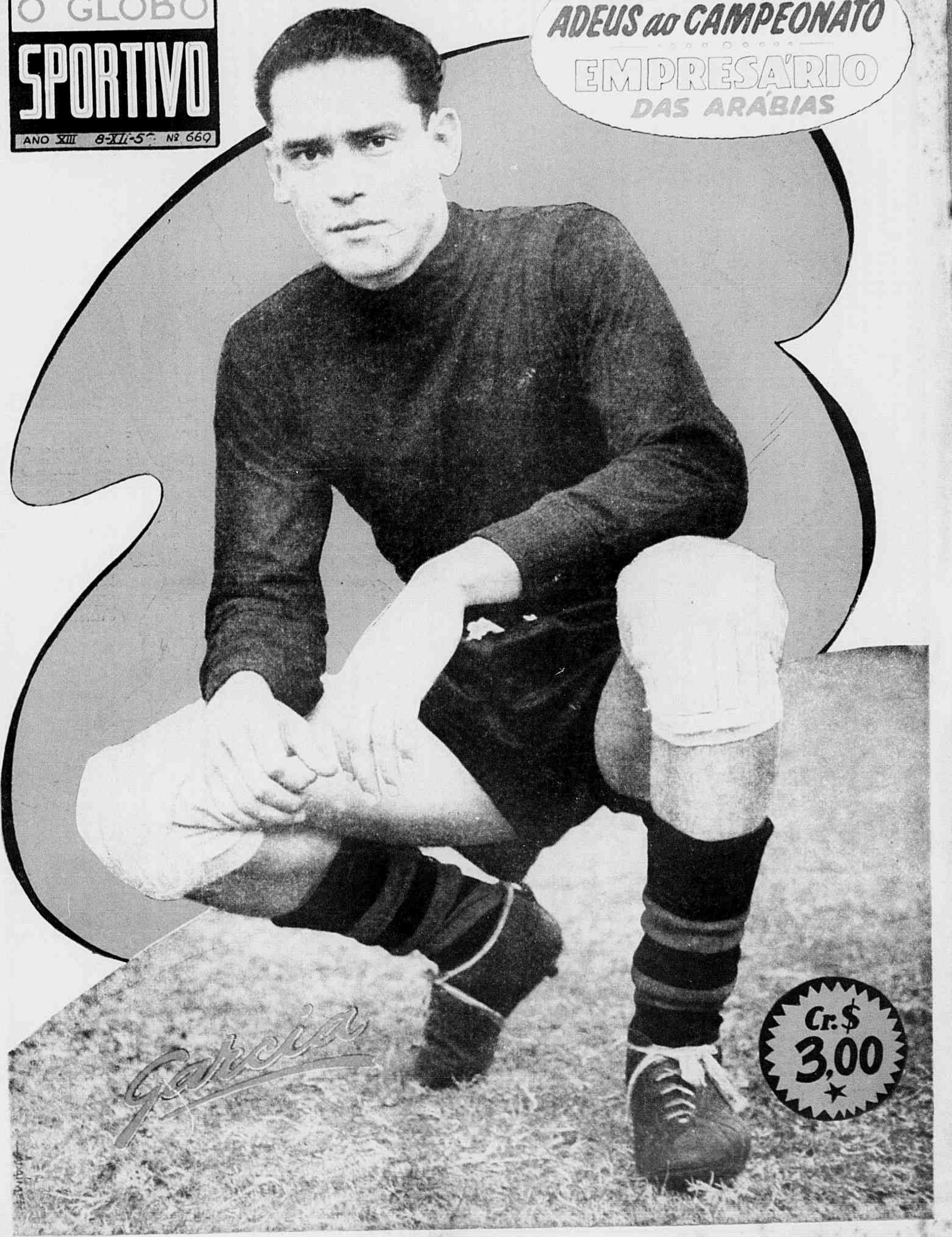


O GLOBO
SPORTIVO
ANO XIII 8-XII-57 Nº 669

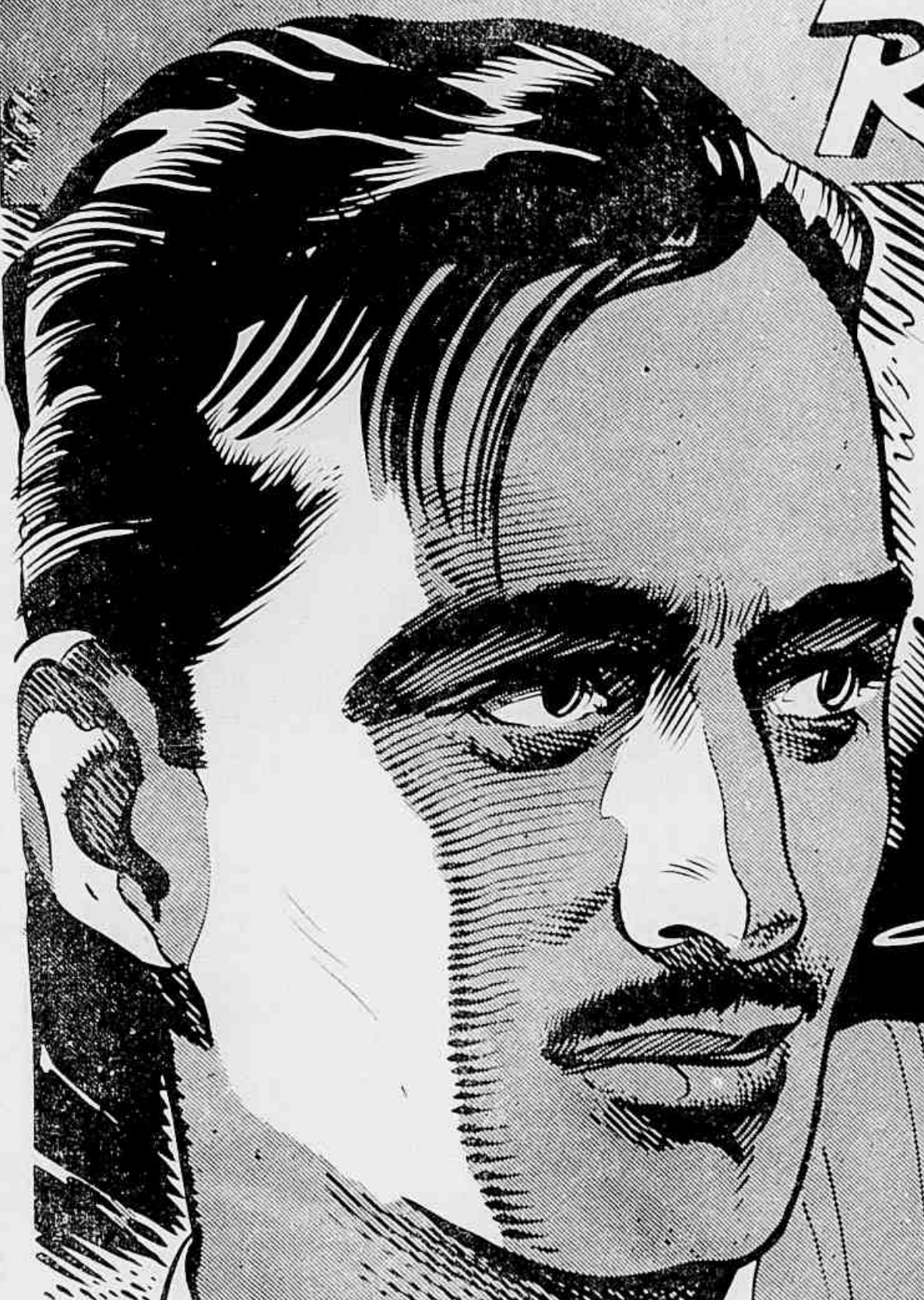
NESTE NÚMERO:
ADEUS ao CAMPEONATO
.....
EMPRESÁRIO
DAS ARÁBIAS



Garcia

Cr. \$
3,00
★

RUSSO



Adolfo Milmann o Russo, veio do futebol gaúcho para o Fluminense ainda um "boto" em 1933 com dezento anos. Esteve no tricolor até 1934 sem ter recebido um tostão de luvas e voltou ao Rio Grande. Em '36 o Fluminense foi busca-lo novamente e desta vez pagando-lhe 15.000 cruzeiros de luvas.



A estreia de Russo no Fluminense caracterizou-se por um incidente interessante. Em dez minutos de jogo, contra o America, marcou tres gols em Walter Goulart. Foi center-half. Mas não, do America, só achou um jeito de conter o fulminante center-forward — deu-lhe um soco na cara. E foi expulso e claro.



Em '37 Russo contundiu-se num Fla-Flu e foi dado como inutilizado para o futebol. Mas recebendo um convite da França, onde um grande medico austriaco fazia milagres em operações do menisco, tanto que ficou com o cognome de Dr. Menisco Russo seguiu e alistou-se em 1938 no Cercle de Paris. Com o tratamento recebido na França Russo ficou bom e em 10 voltou ao Fluminense.



Voltou e reapareceu num Fla-Flu sem agradar. Mas aos poucos foi reconquistando o seu cartaz, tanto que em 1942 integrou a seleção brasileira no campeonato sul-americano de Montevideo. Parou com o futebol em 1944.



Em principios de 1950 Russo voltou ao cartaz desportivo como tecnico do America. Mas durou pouco tempo. Numa excursão pelo interior de São Paulo teve um incidente forte com Ranulfo, chegando as vias de fato e isso precipitou a sua saída do clube rubro. Hoje Russo voltou a condição de assistente dos grandes jogos. E não pretende retornar às quatro linhas dos gramados.



NESTE NÚMERO

	página		página
Bola na rede	3	Casimiro da Costa	16
Adeus ao Campeonato	4	Bilhetes do leitor	18
A maior intervenção de Jordan	4	A transformação de Carlyle	20
Tática de jogo para dia de chuva	6	Mais perto do título o Fluminense	22
Um empresário das arábias	8	Confraternização de gols	22
Pentatletas brasileiros na Suécia	10	"Esse é o meu clube!"	22
O box curioso	10	Na capa: Garcia; Na contra-cap: Trio final do	
O reserva de Zizinho	12	América; Nas capas internas: Russo, por Gutem-	
Ranulfo, a máquina	14	berg, e Otto Glória, por Oteló.	



DOIS DEDOS DE PROSA ESPINHOS DA "TABA"...

Terminado o clássico, como habitualmente o fazemos, palestramos com ambos os técnicos. Carvalho Leite estava eufórico:

— Vencemos graças, felizmente, a um castigo de Deus... O Djalma foi dar aquele pontapé desleal em Braguinha, que estava deslocado para a ponta-direita e como o árbitro não o expulsasse de campo, a justiça Divina não tardou. O castigo veio a cavalo... Cobrada a falta, Braguinha fugiu pela linha de fundo e arrematou, para Osvaldo engolir o seu segundo frango...

Mas o coach botafoguense prosseguiu, depois de curto intervalo:

— Estamos, mais do que nunca, dentro do pareo final deste Campeonato. O Botafogo atingiu, finalmente, ao máximo de sua forma físico-técnica.

Ondino Viera lamentava o contundente revês: — Contundente pelas circunstâncias em que foi obtido. Sem desvalorizar, com isto, o mérito do triunfo adversário. Eles, do Botafogo, souberam criar situações difíceis para o nosso reduto final e viram coroados de pleno êxito seus esforços. Nós perdemos uma penalidade máxima, mais uma boa oportunidade que Joel desfrutou e não soube converter em tento e, para culminar, engolimos dois frangos...



BOLA DE MEIA OU MATCH INTERNACIONAL?

Depois dos cinco a cinco do jogo da sabatina, no Maracanã, o torcedor saiu do estádio com a tormentosa interrogação:

— Pelada com escoré de bola de meia, ou match internacional (Flamengo x Independente)?...

Os zagueiros e os arqueiros serão uma boa explicação para a dúvida, com honrosa exceção para o reserva argentino que entrou no segundo tempo. No mais, evidentemente, parece que somente os ataques estiveram em campo...

O PRESIDENTE, O ARQUEIRO E O PENALTI

O ponteiro-esquerdo Nívio foi encarregado da cobrança da penalidade máxima, que Alberto da Gama Malcher assinalou contra o Botafogo. Deu um tiro violentíssimo, po-

rém em cima do arqueiro Osvaldo, para uma defesa relativamente fácil.

— Você rezou muito, Osvaldo, para o Nívio não fazer o gol?

— Nós jogadores do Botafogo só temos que nos preocupar com o jogo. O "seu" Carlito é um homem de muita fé e, num momento desses, ele reza pelo time todo...

HONRA AO MÉRITO

O Bangu, que sofre, como o Flamengo, o drama da falta de artilheiros, cedeu Simões gratuitamente ao Bonsucesso. Para que, sendo lançado à altura da metade do primeiro turno e numa ofensiva modesta como é a do rubro-anil, o comandante se constituísse no segundo artilheiro da cidade, com a autoria de nada menos do que quatorze gols. Por isto — sem que levantemos qualquer sombra de dúvida quanto aos méritos do líder dos artilheiros: Carlyle, do Fluminense (com vinte tentos) — consideramos Simões como o grande goleador do certame. Vale a pena tributar-lhe, portanto, honra ao mérito!

FRANGOS, E DE RAÇA...



Foram em número de dois os "gordos galináceos" da sexta rodada do retorno. E ambos no clássico, envolvendo o arqueiro Osvaldo, do Bangu. A quem, irreverentemente, os desenhistas "da casa" passaram a tratar de "Osvaldo Galá"... Sendo que o segundo frango, de mais raça e bem mais desenvolvido do que o primeiro, lembrou bastante o célebre gol de Ghiggia. Foi da autoria de um ponteiro, chutado sem grande violência e quando não havia sequer um pouquinho de ângulo. O tiro partiu quase de sobre a linha de fundo, o guardião saiu errado e o impossível aconteceu: um frango autêntico, inclusive de "topete"...

GUERRA DE NERVOS

E no estádio Bariri, quando o Fluminense já havia consolidado o seu triunfo sobre o Olaria, mantendo brilhantemente a liderança do certame, registrou-se mais uma cena extra. Assegurada a vitória, os tricolores passaram — dirigentes, técnico e jo-

gadores — a ficar de olhos fitos no placard. Afinal de contas, no Maracanã estava sendo jogada a sorte do Botafogo neste Campeonato e o Bangu colocava em perigo, igualmente, a vice-liderança. Todos queriam a vitória dos alvi-negros, para afastar mais ainda os al-

vi-rubros. E o garoto do placard resolveu inverter as coisas, com a colocação do placard de 2x1 pró Bangu. Pouco depois, tudo foi consertado e o marcador corrigido para Botafogo 2x1, terminando a "guerra de nervos" encetada contra os líderes...

"MEU SISTEMA, MEUS MÉTODOS"...

Contam as más línguas que o presidente Carlito Rocha, do Botafogo, sempre dinâmico e turbulento, mas um homem de fé e ilimitada confiança em si próprio, teria dito, recentemente:

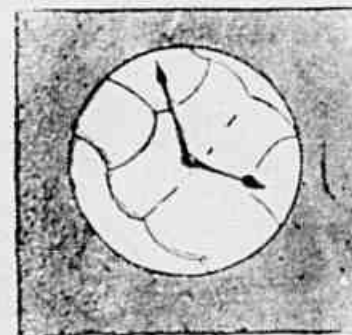
— Estão vendo: depois dos treinos, os jogadores do Fluminense tomam copos de "vitaminas" e no intervalo e após os matches chupam laranjas em profusão. E, o Zezé Moreira levou meu sistema tático, meus métodos, tudo, tudo...

E, maldosa e ironicamente, acrescentarão:

— Qualquer dia eles vão passar a queimar no corpo e tomar gemada a valer...

UM MINUTO

Talvez as duas jogadas não hajam consumido nem sequer um minuto. Convenhamos, entretanto, tal houvesse ocorrido. Tomemos por base um minuto, adicionando-se segundos de um tempo e do outro, para chegarmos ao total desejado. Foram duas jogadas maravilhosas, as de Santos e Mirim, respectivamente para o Botafogo e o Bangu. Lances idênticos, com os arqueiros batidos e as vanguardas adversárias em tremendas cargas, para entrar nos gols com a bola e tudo. Um salto e uma cabeçada espetacular de Santos, quase sobre a linha de gol, e a repetição da façanha por Mirim, mais tarde, livrando ambos tentos certos e que inclusive já estavam sendo comemorados pelas duas torcidas. Quem foi ao Maracanã recordará, por certo, durante muito tempo, aqueles segundos de intensa expectativa que quase não chegaram a constituir uma volta completa do ponteiro menor...



"PONTA DE... VARAL"!

E dois torcedores conversavam, depois de assistirem ao internacional Flamengo x Independente e o clássico Bangu x Botafogo.

— Que coisa, senhor, como foi que o Hermes conseguiu fazer dois gols?

— É mesmo...

— Ele que era tão bom e depois virou tão mal artilheiro...

— Parecia com o Joel e o Moacir Bueno, do Bangu...

— Como "ponta de lança"?

— "Ponta"? Só se for de "varal"...



Biguá e Adãozinho às voltas com o frio da Europa, onde fizeram tão bela figura, o que não se reproduziu no campeonato. Ao lado, Dêlio Neves, que deve ter visto na derrota diante do Olaria o enterro das esperanças do América

O PRIMEIRO
ADEUS —
O COLOSSO
DE SÃO JA-
NUÁRIO —
O MILAGRE
NÃO TEVE
BIS



De RICARDO SERRAN

O ADEUS já foi dado para a grande maioria dos concorrentes. Alguns, como acontece desde o dia em que se filiaram, vêem os lenços brancos surgirem antes mesmo do início da disputa, peões que são no jogo eterno do xadrez em que os reis são poucos e até as torres e bispos poucas chances têm de chegar ao final. Naturalmente há os casos em que as faixas de campeão prometidas transformam-se naqueles quadrados de linho branco, as mãos acenando a já tradicional despedida. Contingência do destino, que pode variar para os grandes mas nunca admite que a liberdade baixe aos pequenos. Foi em agosto que os entendidos profissionais ou amadores fizeram as suas previsões sobre o desfecho do certame de 51. Cálculos baseados em experiência, em dados tidos como positivos. O futebol ingrato desmentindo as pitonisas, muito cedo desanimando os profundos e liquidando esperanças. Não adianta hoje voltar ao passado para servir a realidade atual com o que oferecia o material de que se dispunha para os prognósticos. Dois meses, três, representam tempo muito grande quando se trata de esporte, principalmente de futebol. Os fatores imprevisíveis fizeram-se sentir na marcha dos acontecimentos, os placards dizendo a verdade sobre forças. Recordar o que pensava quando os times apenas treinavam para a primeira arrancada, não deixará de ter o sabor de ridículo. Salvo os fanáticos, tinha-se que colocar um Vasco na cabeça dos concorrentes, Bangu, Flamengo, Botafogo, América e Fluminense, mais ou menos nesta ordem, para organizar uma lista de prováveis. Os cálculos tinham fundamentos nas campanhas anteriores, que incluíam desde o certame anterior até os amistosos. Muita água rolou e no dia em que passou a valer a prática, as teorias foram sendo destruídas em sua quase totalidade. Os tricolores, em meio a justa euforia de uma liderança que parece permanente, podem sorrir daquele sexto lugar que lhes cabia. Por isso é que é difícil dar palpite em futebol e nada melhor para ilustrar do que o ano de 1951. Se um Bangu ainda defende o placê, os donos das cotações altas não verão mais o vencedor na presente temporada. E a poule alta acabará surgindo com o

A MAIOR INTERVENÇÃO DE JORDAN..



Há clubes que têm facilidade extrema para formar jogadores de alto quilate. O Madureira e o São Cristóvão são, certamente, os mais famosos por semelhante característica, embora não tenham meios suficientes para manter os craques formados em suas fileiras. E Jordan é a mais recente descoberta dos alvos



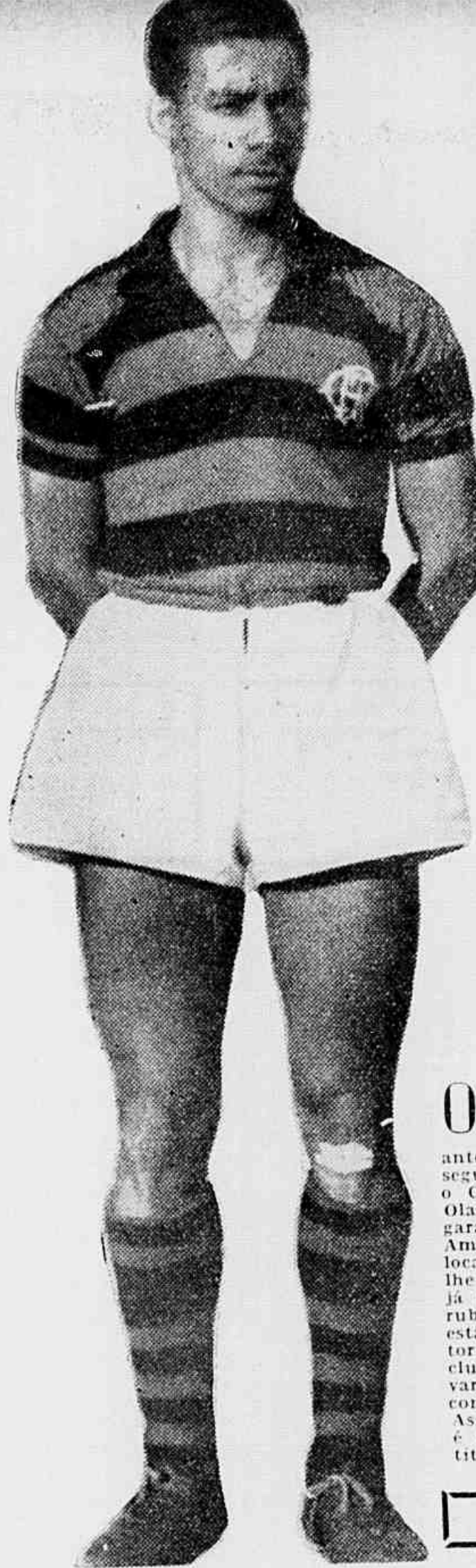
Jordan é um nome estrangeirado, mas o seu dono não tem nada de alourado. Mas o certo é que joga um futebol magnífico, e seu lugar entre os maiores craques parece estar assegurado. Jordan é half e sua maior intervenção verificou-se este ano, no turno, quando o quadro alvo foi jogar em Bangu



Venceu o Bangu com dificuldade por 1x0, e uma das grandes barreiras foi Jordan. Uma bola cruzada pelo ponteiro Nívio foi à área. O goleiro Mariano saltou sem alcançar e a situação ficou para Joel, prestes a cabecear, quando surgiu Jordan e com extrema habilidade tirou a bola quase que da cabeça do atacante banguense



Otavio Povoas, presidente do maior favorito de 1951.



O Vasco teria vencido o campeonato com Ademar?

Fluminense ou o Botafogo, o primeiro com alguns corpos garantindo um final mais suave para as suas pretensões.

O PRIMEIRO ADEUS

O FLAMENGO foi, pode-se dizer, o primeiro a ver os lenços brancos nas mãos dos torcedores adversários. Um empate logo na segunda rodada, lá em Bariri. Depois a derrota para o Botafogo e quando se pensou que a vitória sobre o Vasco, a primeira em sete anos, seria o anúncio de uma reação, os desastres tiveram nomes inesperados, chamando-se S. Cristóvão ou Madureira, acabando catástrofe mesmo nas pelepas com os grandes Bangu e Fluminense, este por duas vezes. Somando os que poderia perder e os que não devia, em pouco os rubro-negros totalizavam treze pontos. Menos mal que o time perdia e a torcida ganhava, sustentando para o clube o direito de participar do Rio-São Paulo. Como as coisas do Flamengo são diferentes do comum, até hoje nem parece que o rubro-negro já deu a sua despedida ao título. Sempre oferece espetáculo, ainda que jogue partida ruim ou decepção no resultado. Toda semana é atração, por errado que tenha sido na rodada anterior. Os seus adeptos não compreendem o que há com o Flamengo, menos ainda entendem os torcedores dos outros clubes. A explicação, porém, deve ser que se trata do mais popular, o clube Brasil em tudo por tudo. O ufanismo faz o resto.

O COLOSSO DE S. JANUARIO

DEPOIS do Flamengo, o grande — por sinal o maior favorito — a dar adeus foi o Vasco. Justamente o time que ainda hoje está em condições de poder ganhar de todos os adversários. Pois foi o quadro que se esqueceu de ganhar durante seis compromissos liquidando antes do final do turno as suas pretensões. É verdade que quase se podia adivinhar o que estava para acontecer. Pena que os nomes todos daquelas criques de tantas glórias tenham enchido os olhos e ouvidos, impedindo que se atentasse para a turma de pouso, tão lindos eram os aviões, tão perfeitos sempre tinham sido os pilotos. Sem azoio cá na terra, os vãos bonitos ficaram nos sonhos, como sonho foi o tricampeonato. O Vasco, alguns responsáveis seria melhor es-

crever, deixou-se iludir pela grandeza de uma equipe e pela velha história do plantando dá. Acontece que permitiram que aquelas plantas viçosas em tantas temporadas acabassem perdendo as flores, perdendo as folhas, sobrando os galhos que nem chegavam a lembrar o que representaram no futebol brasileiro. Culpados? Há muitos e nem será necessário fazer citações, pois seus nomes andam figurando no muro das lamentações dos vascainos. As causas, porém, são remotas, como quase sempre. Os erros de ontem que deram os prejuízos de hoje têm base no passado. Os estudiosos rebuscam os motivos eventuais, esquecendo que o prólogo da história está no princípio do livro que os vascainos foram escrevendo sem prestar muita atenção aos perigos de um "happy-end" negativo. Outro dia tudo era felicidade, a tempestade veio estragar a festa quando estava melhor.

O MILAGRE NÃO TEVE BIS

O TERCEIRO foi o América, os rubros do quase milagre perfeito de 1950. Por pouco os americanos repetiriam o susto da temporada anterior. Mas o que o Bangu não conseguiu com o 5x2 do início do turno, o Canto do Rio, o S. Cristóvão e o Olaria, com este a pá de cal, encarregaram-se. Os pequenos chamaram o América à dura realidade de uma colocação pouco agradável, destruindo-lhe as chances cedo demais. Embora já se conheça o final da história de rubro-negros, vascainos e americanos, estão para vir capítulos que podem tornar mais turvos os horizontes, inclusive aqueles em que poderão agravar as suas próprias desgraças em encontros que fatalmente terão entre si. Assim, os treze, doze e onze pontos, já despedida para os três, não é a palavra decisiva para a campanha ruim que cumpriram. O título ficou para outra oportunidade e a ideia do placê também está tomando cores de miragem. O único consolo é o dia de amanhã, principalmente para vascainos e rubro-negros com o lugar ao sol no Rio-São Paulo.



HERMES

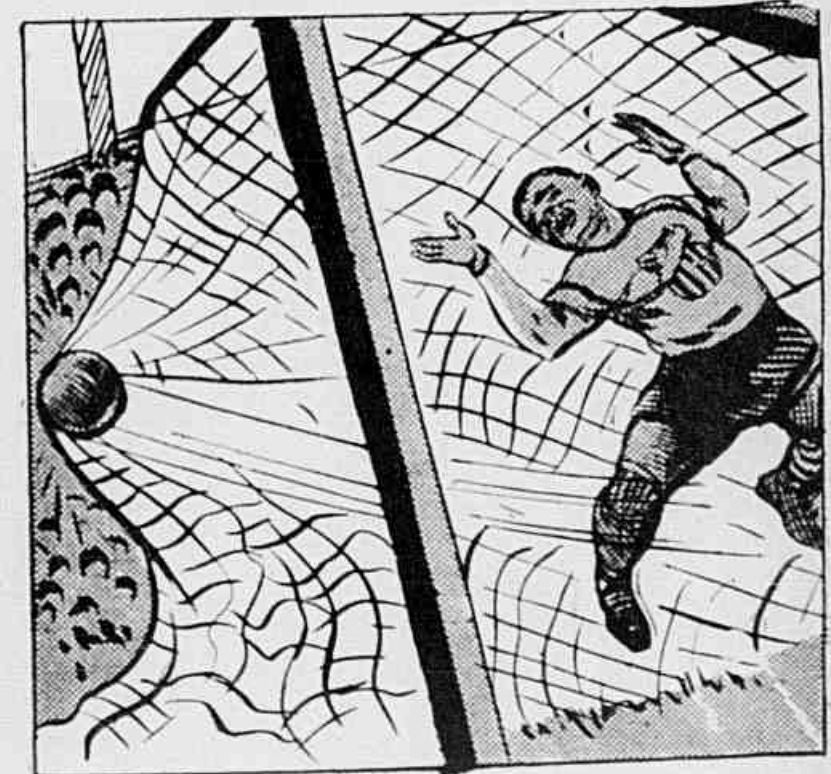
... E O SEU MAIOR FRACASSO



Quase novato no futebol de primeiro quadro, Jordan não fugiu à regra e também já amargou vários momentos difíceis, em que a sua culpa influíu na conquista de gols pelo adversário. E nesses momentos que o jogador preferia estar longe de um gramado, sem saber dar um chute na bola



Mas, felizmente para Jordan, esses maus momentos têm sido raros e foi prontamente que ele indicou o que pode ser considerado como o maior fracasso. Um descuido, uma falha técnica, são coisas que acontecem, mas o que Jordan nos contou foi a sua culpa num gol do Botafogo, em que o alvi-negro venceu por 2x0



O jogo foi em Figueira de Melo e, num dos ataques botafoguenses, Zezinho cruzou. Jordan estava dentro da área, sem maiores preocupações, certo de estar absoluto na jogada. Tanto que achou melhor atrasar para o goleiro. Mas é que ele não havia visto Paraguaio, que estava por trás, e o botafoguense cêlere, mandou a bola as redes



É difícil saber-se onde está a bola se atentarmos para os olhares dos jogadores que figuram na gravura acima. Como se observa, Gerson e Joel olham para o céu, enquanto Osvaldo, parecendo que acaba de praticar uma acrobacia, olha para o meio da cancha. A verdade é que foi esse um momento de perigo para a cidadela botafoguense. Osvaldo defendeu e caiu, a bola subiu, Arati cercou Joel e Gerson disse se aproveitou para ajastar a pelota, de cabeça

Agora é o outro Osvaldo, o goleiro banguense, que se defende da carga empreendida por Pirilo, sob a vigilância de M. Sim. O centro, alto, veio da esquerda, bastante perigoso, mas o arqueiro ajeitou bem e desvencijou-se do comandante botafoguense

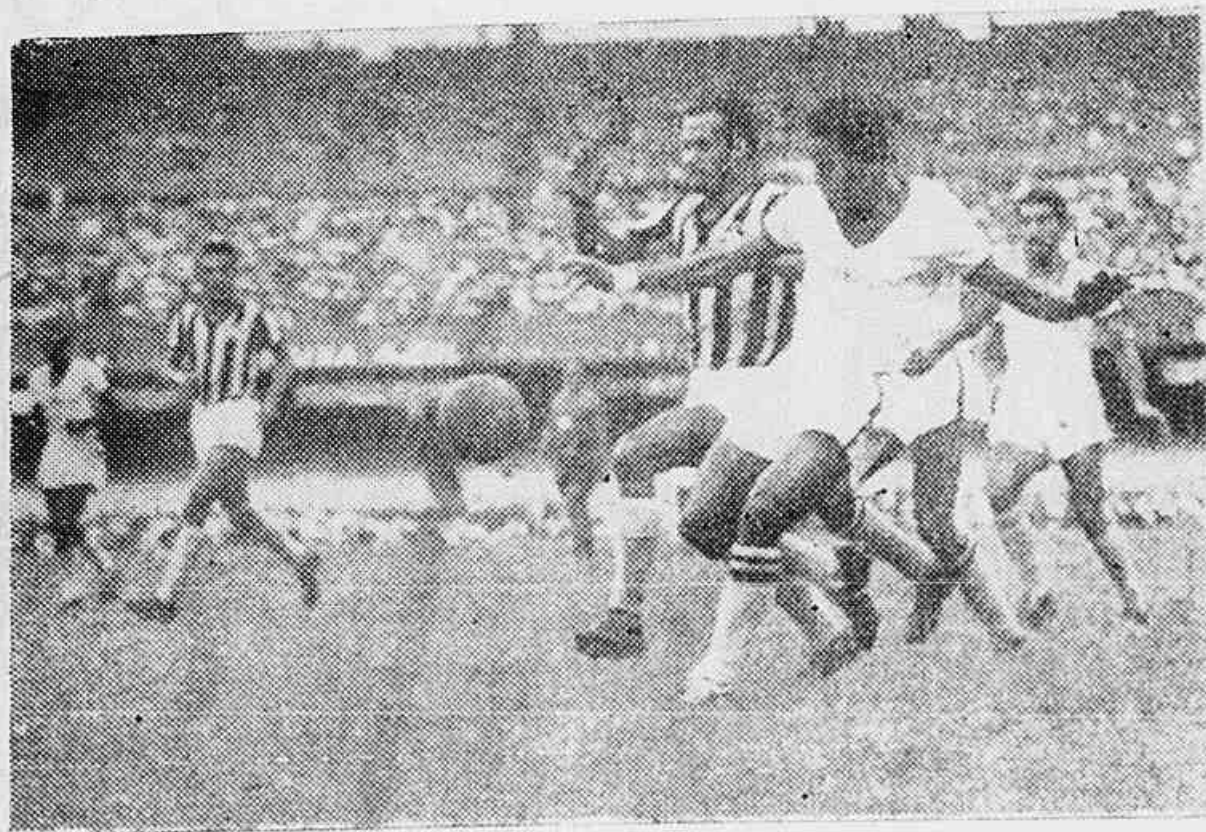
TÁTICA DE JÓGO PARA DIA DE CHUVA

A DESPEITO da diferença que o Fluminense mantém sobre os demais concorrentes ao título de campeão da cidade, não se pode negar, a esta altura do certame oficial, que Bangu e Botafogo ainda são candidatos reais à posse do cetro. É verdade que tudo está indicando que dificilmente o clube das Laranjeiras deixará escapar a oportunidade que há tantos anos aguarda de voltar à pontificar entre os campeões cariocas — e está na realidade realizando uma campanha excepcional para inscrever o seu nome no troféu da glória. E não se deve esquecer que poucos — e entre esses poucos temos que incluir muitos adeptos tricolores — acreditaram, no princípio, na equipe formada e preparada por Zezé Moreira, achando que a mesma não suportaria o peso da avalanche avassaladora dos banguenses, vascainos, botafoguenses, flamengos e americanos, quanto mais a aspereza de uma campanha que deveria ser dura e longa. Entretanto, o quadro das três cores não só vêm suportando

tôda a responsabilidade da campanha empreendida como vencendo tôdas as dificuldades impostas pelas lutas travadas com os seus adversários — lutas gigantescas nas quais todos só pensam em derrotar o líder, que apenas uma vez conheceu o travo do revés (Vasco, quatro a dois, no turno).

CANDIDATOS REAIS EM LUTA DE SOBREVIVÊNCIA

A DESPEITO de tudo, porém, somente Bangu e Botafogo ainda podem pensar em assumir a privilegiada situação de líder, que o Fluminense vem desfrutando desde o início do campeonato. Os demais, em virtude de suas sucessivas derrotas, já arriaram a bandeira verde da esperança à meio pau, em sinal de despedida às suas pretensões. Restam, portanto, no pareo, com algumas possibilidades, pensando sempre em possível desastre técnico para a posição do líder absoluto, o Bangu e o Botafogo — aguardando que outros adversários do Fluminense, ou eles mesmos, venham em breve redimir a contagem tricolor. E enquanto aguardam os acontecimentos, esperando ver pegar fogo a bandeira gloriosa desfraldada pelos tricolores, os banguenses e os botafoguenses lutam entre si e contra os seus outros adversários — os mesmos futuros adversários do Fluminense — pela própria sobrevivência de suas possibilidades. E foi assim que na tarde de domingo último, 2 de dezembro, no Estádio do Maracanã, perante uma assistência que vibrou intensamente e viveu momentos de grande emoção, Bangu e Botafogo lutaram — e lutaram brava e energicamente — pela conservação dos lugares que ocupam na tabela, preocupado cada qual em conquistar a vitória e com a atenção voltada para Bariri, onde o Fluminense vivia um grande drama diante de um Olaria valente e bem estimulado pelo triunfo alcançado uma semana antes sobre o América — drama que o líder soube apreciar e do qual tornou-se o herói, o "mocinho" cruelmente maltratado pelos "vilões" e que no final do ato reage e acaba triunfando.



Confusão na área banguense. Geninho, sozinho, pois Otavio está ao longe, luta com Mendonça pela posse da pelota, vigiado por Rui, de quem só se vê parte do corpo, e por Rafanelli, que acompanha o lance. Mendonça ajastou o perigo

Outro lance interessante da disputadíssima partida. Agora é Otavio que atrai, fracamente, surgindo Rafanelli para cortar, assediado por Geninho. Pirilo, um pouco afastado, observa o lance

CRESCENDO E MELHORANDO, ENQUANTO O TEMPO PIORAVA, O BOTAFOGO REAGIU ENERGICAMENTE PARA VENCER O BANGU — DISPUTADÍSSIMO E INTERESSANTE O MATCH ENTRE OS DOIS REAIS CANDIDATOS AO TÍTULO — De VASCO ROCHA

VINGANDO A DERROTA DO TURNO

FOI um grande match — movimentado e interessante, sobretudo disputadíssimo. E ao final do mesmo o Botafogo vingou a derrota que sofreu no turno, para vencer o Bangu pela mesma contagem. Dois a um. E dois a um que só refletiu em parte o trabalho realizado pelos litigantes, por isso que cada qual perdeu muitas oportunidades de marcar tentos. O Bangu, por exemplo, teve pouca chance — inclusive perdendo Nivio a cobrança de um penalti no primeiro tempo, quando o Botafogo já vencia por um a zero. O clube suburbano começou mal, com a defesa algo desajustada e o ataque sentindo as falhas de Joel e Moacir Bueno. Depois equilibrou a luta, que vinha sendo favorável ao Botafogo, mais bem armado, jogando com mais intuição e esforçando-se para alcançar os objetivos. Depois, e ainda no primeiro tempo, o Bangu equilibrou as ações e levou mesmo alguma vantagem, conseguindo, afinal, o empate. Todavia, se a defesa passava a atuar com mais segurança e desembaraço, marcando bem a vanguarda alvi-negra passando-lhe à frente no controle da pelota, o ataque banguense não contou com elementos positivos, desde que somente Zizinho e Vermelho figuravam com destaque pelo seu trabalho de ligação e infiltração. Zizinho começou recuado, e, como a ofensiva não arrematava, foi para a frente, entregando a Vermelho — e o jogador "colored" cumpriu magnificamente a missão — o trabalho de servir de ponto de ligação com a retaguarda. E foi assim que Ziza conseguiu empatar, marcando um tento em alto estilo, numa jogada técnica e clássica, que arrebatou a assistência.



TÁTICA DE JÓGO PARA DIA DE CHUVA

OS botafoguenses não tinham do que se queixar — embora a ofensiva não estivesse cumprindo completamente a sua tarefa. O penalti defendido por Osvaldo, as suas oportunas e seguras intervenções, enfim todo o trabalho

bem orientado da defesa deveria servir como estímulo. Para aproveitar ao máximo esse estímulo, os vanguardeiros voltaram ao segundo período dispostos a decidir a luta. Mesmo porque os banguenses ameaçavam perigosamente, parecendo que se estavam articulando para o desfecho de uma ofensiva de grande envergadura. Então, começou a chover fortemente. O estado escorregadio da cancha começou a dificultar a troca de passes. Diante disso, o Botafogo mudou de tática — passou a usar a tática de jôgo para dia de chuva. Abandonou o sistema dos passes curtos e rápidos para adotar o método do tiro largo sobre a meta adversária. Cada botafoguense que se apoderava da bola não perdia tempo em fintas e malabarismos — de onde estivesse, de qualquer maneira, de qualquer jeito, atirava sobre a meta banguense. A defesa alvi-rubra viu-se constantemente cercada, perigosamente assediada, ameaçadoramente envolvida pela trama alvi-negra. A bola não saía da frente da meta de Osvaldo, mesmo diante dos esforços de Mendonça, Rafanelli, Djalma, Vermelho, Mirim e Rui para afastar o perigo. O Botafogo predominava então energeticamente, exercendo uma pressão tremenda — com Santos, Gerson e Arati no meio do campo e Juvenal e Ruarinho na linha de frente, também mandando para Osvaldo a escorregadia pelota de couro. A todo momento esperava-se a queda da cidadela banguense.

O CASTIGO ANDA A CAVALO...

E'O que diz o velho refrão. E de fato foi o que aconteceu. Aos trinta e sete minutos do segundo tempo, faltando, pois, oito para acabar o match, Djalma, violentamente, sem necessidade alguma, praticou uma falta em Braguinha, que havia trocado com Jarbas de posição, passando, pois, para a ponta-direita. Arati cobrou o foul dando à frente para Braguinha, entre as pernas de Djalma. Braguinha correu paralelamente à linha de fundo e atirou rasteiro da entrada da area. Osvaldo atirou-se na bola, mas tão desastrosamente que o couro passou por baixo dos seus braços e foi bater na face interna do poste oposto, resvalando para dentro da meta. Era o gol de vitória do Botafogo — e era também o segundo "frango", com as penas enxarcadas, que o goleiro banguense deixava escapular inapelavelmente.

Venceu, pois, o Botafogo. E diga-se que, apesar da falta de chance do Bangu, venceu com merecimento, porque, de fato, o "glorioso" soube trabalhar pelo resultado alcançado, soube agir de acordo com as circunstâncias da luta, soube fazer jus ao triunfo — embora tendo que lutar muito, como lutou. Desforrou-se, pois, o Botafogo, com o mesmo escor, da derrota sofrida no turno.

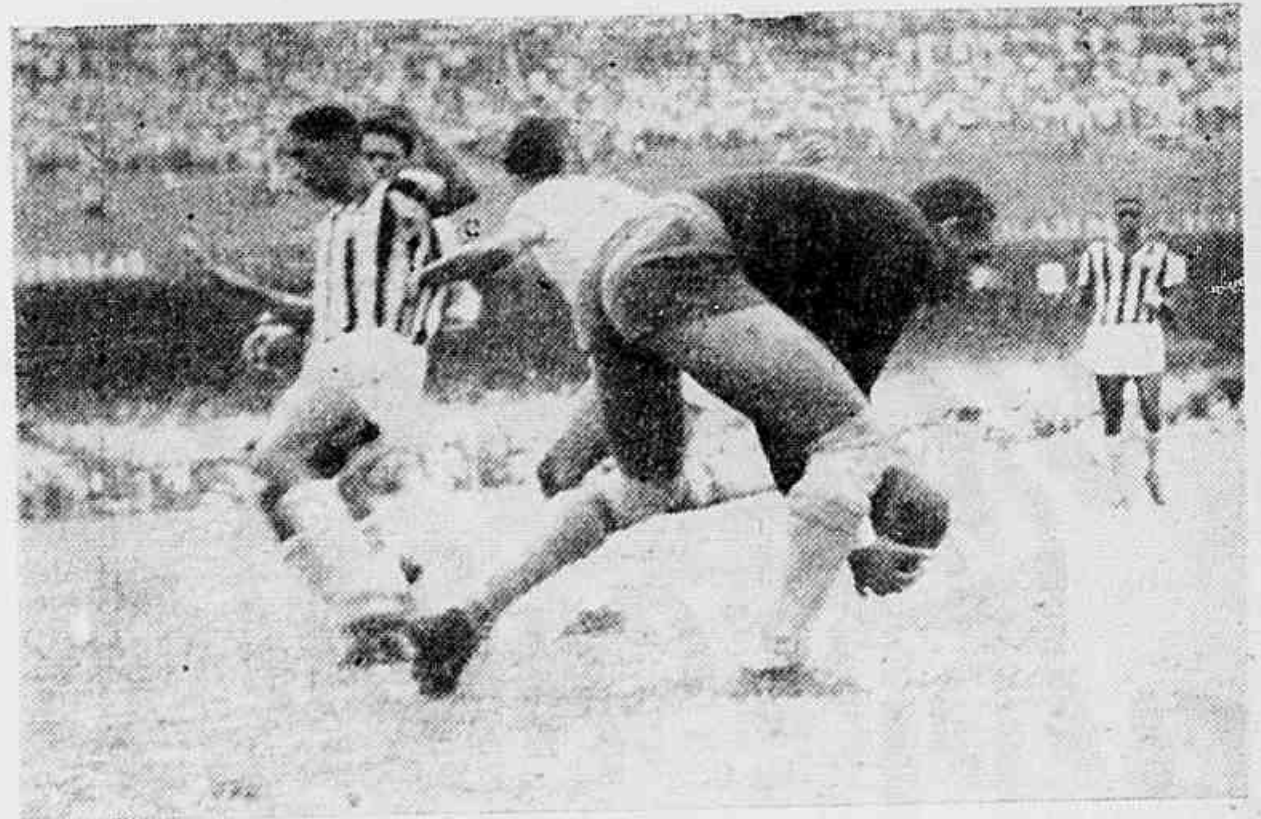
VELHICE E SENILIDADE

A fraqueza e o esgotamento, tal como a epilepsia e a lepra, constituem um flagelo social. Múltiplas são as suas causas e muitos são os preconceitos que impedem o seu tratamento. Entre as causas da debilidade nervosa, cumpre salientar as mais comuns que são: doenças psíquicas e nervosas, oriundas de traumatismos morais ou desgostos profundos; esgotamento geral por excesso de trabalho físico e mental; deficiências metabólicas e finalmente o fenômeno do infantilismo. Todas estas causas provocam violentos distúrbios no sistema glandular endócrino, advindo daí a fraqueza,

Para debelar essa terrível moléstia cumpre, portanto, atacá-la na sua fonte imediata. As Gotas Mendelinas, para ambos os sexos, adotadas nos hospitais e receitadas diariamente por centenas de médicos ilustres, são energicas e sem contra-indicação, restauram, como por encanto, todas as manifestações nervosas, fazendo desaparecer a insônia, cansaço, irritabilidade, cacoetes, tristeza, no homem e na mulher, em suas diversas formas. Nas farmácias e drogarias locais. Distribuidores: Araujo Freitas & Cia., rua Conselheiro Saralva, 41, Rio.



Dois botafoguenses para uma só bola. Otavio foi quem cabeceou. Geninho apenas pulou. Rui e Mirim participam do lance, em expectativa, mas foi Osvaldo quem ficou de posse da pelota, saindo do arco para defender



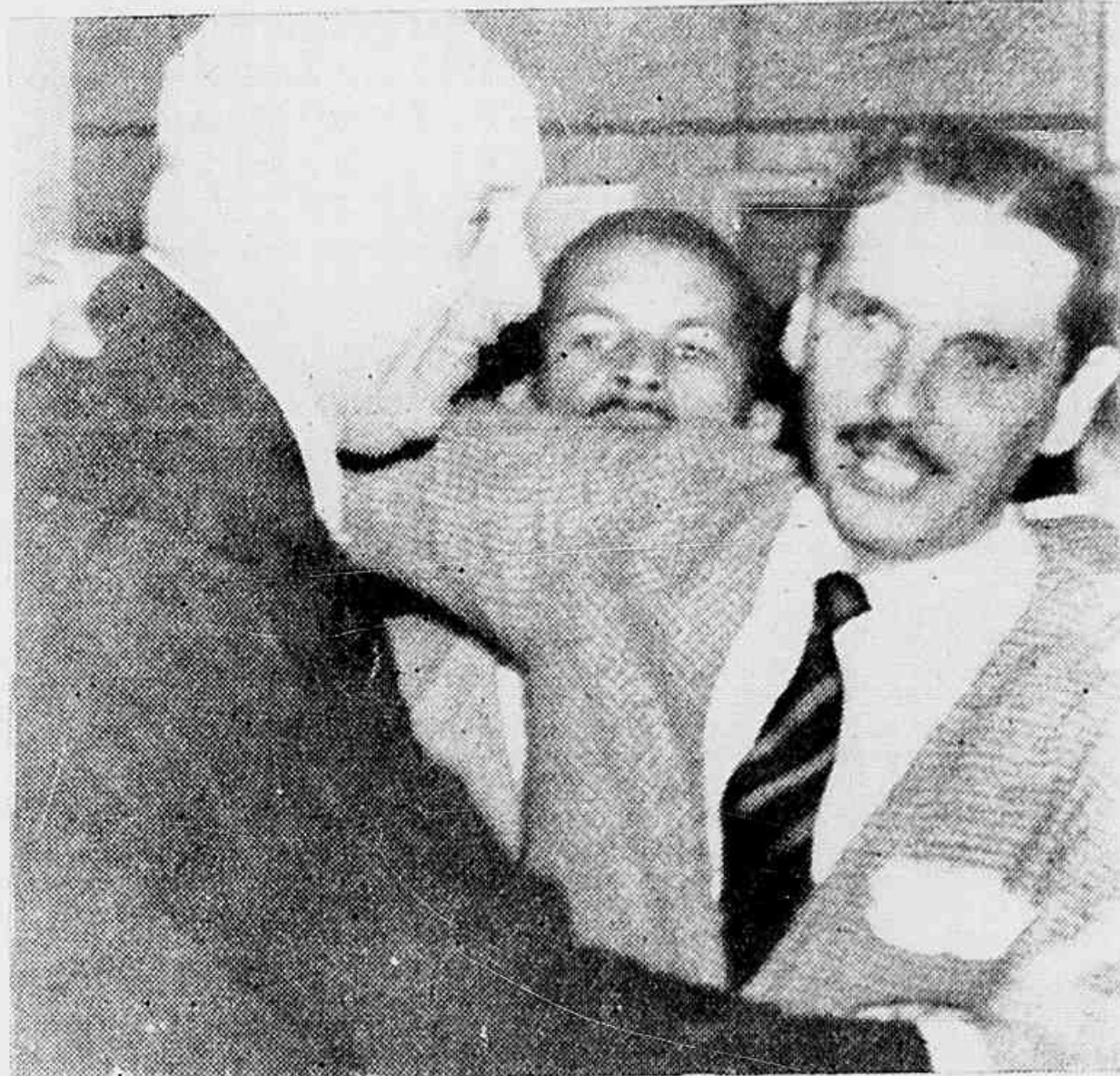
Vigiado por Arati e Gerson Zizinho tentou infiltrar-se, para ser contido por "obstrução", enquanto Osvaldo agarrava sem tropeços. Zizinho olha em direção do juiz, como reclamando uma falta



Uma entrada de Braguinha pondo em pânico a defesa banguense. E aí estão quatro banguenses prontos para intervir e interceptar a carregada da ponteiro alvi-negro. Osvaldo, porém, tudo desfez, defendendo com segurança



Jair não foi descoberta minha. Em compensação, fui eu quem o levou do São Cristóvão para o Botafogo, via Niterói...



"Meti a cara para aparecer no flagrante. Ou não serei eu um ardoroso já de "seu" Rocha e "seu" Flavio?"

UM EMPRESÁRIO das ARÁBIAS

TEXTO DE JORGE LEAL

O FUTEBOL carioca tem coisas esquisitas, realmente tão esquisitas como o moço simples e de poucas luzes que é Benedito Rosa. Esse empresário "sui-generis", um autêntico "Empresário das Arábias"... Um rapaz modesto, sem maiores pretensões senão as de viver enfiado no esporte metropolitano, notadamente no futebol. Trabalha para o Sr. Carlos

Martins da Rocha, o popularíssimo e turbulento presidente do Botafogo.

— Sou torcedor do Flamengo, ele sabe; trago jogadores para diversos clubes, ele também sabe; ele sabe de tudo, mas é "grande demais" para ligar a essas mesquinhas...

E Benedito Rosa acrescenta:

— Trabalho na Loja de Fazendas e sou ajudante de tudo. Com "seu" Carlito, "topo" qualquer parada. Sem deixar, contudo, de arranjar de vez em quando uns Didi, para o Fluminense, etc... E sem abandonar, jamais, minhas acentuadas simpatias pelo rubro-negro. Isso faz parte de mim mesmo e, infelizmente, estou sempre preocupado em dar umas "voltinhas" pelo interior. Lá, bem distante, há sempre futuros jogadores "dando sôpa".

E aí esse tipo diferente de empresário, porque talvez seja o mais ingênuo deles todos — é um homem de boa fé — faz questão de uma ressalva.

— Agora, tem uma coisa. Eu "só se meto" com amadores...

Demonstrando o medo que tem de agir com players não-amadores, ou declaradamente profissionais.

DESCOBRIU DIDI POR ACASO

DIZEM sempre que o acaso é o melhor amigo do reporter. Em certas oportunidades, porém, ele é o maior amigo de qualquer ser humano. Exerça esta ou aquela profissão. Assim ocorreu com Benedito Rosa, na sua primeira viagem em busca de jogadores. Foi em quarenta e sete, quando dirigiu-se a Campos, para fazer um "serviço" a soldo do Madureira. Havia indicado ao presidente Angelo Filipi os meias Cezar e Carlinhos Sant'Ana e o pretenso empresário partiu feliz, para as primeiras conquistas.

— Levava mil cruzeiros no bolso. Para as passagens, estada e a fim de contornar situações, trazendo jogadores em minha companhia. Com esses mil cruzeiros passei vinte e sete dias em Campos. Mas Cezar era sapateiro e Carlinhos trabalhava numa agência de jornais e revistas, pelo que não quiseram vir. Eu já estava quase na "lona", contando os trocados para a passagem de retorno, quando resolvi assistir ao jogo Goitacaz x Rio Branco, pelo certame local. Terminou com o empate de um tento. Fiquei impressionado com a ala-direita do Rio Branco. Dôdô e Didi, os dois irmãos. E Sula, também, que era pivot e contava apenas dezessete anos de idade. Assim, o acaso prestara-me a sua valiosa contribuição. Mal apitou o juiz, dando por encerrado o match, entrei correndo no campo e segurei Didi pelo braço. Depois de longa conversa e de entendimentos com os respectivos pais, logrei trazer os três para o Rio. Tudo isto com apenas mil cruzeiros...

DIRETAMENTE PARA ARARAQUARA

APRESENTOU-OS ao presidente Angelo Filipi, sendo que na mesma semana todos seguiram diretamente para Araraquara, a fim de se juntarem à delegação do Madureira, pois o tricolor suburbano realizava uma excursão no interior bandeirante. E desde que foram incluídos no time, não houve mais derrotas até o fim da temporada.

A GRANDE DECEPCAO

NO regresso a esta capital, Benedito Rosa foi recepcionar a embaixada. E o técnico Plácido disse-lhe, logo à chegada: — Gostei dos três. Um tem toda a "pinta" de craque e os dois outros são mais ou menos. O futuroso, que poderá ir muito longe, é o



Na Gávea, por ocasião de um treino, Benedito Rosa é visto neste flagrante, em primeiro plano, sorridente, feliz da vida pelo prazer da companhia de Gilberto Cardoso, Flavio Costa e Francisco de Abreu



Este é Vivinho. Foi o intermediário nos recados de lá para cá, em torno de sua transferência do Botafogo para o Vasco. A exemplo do que fiz com Joel, ponteiro-direito do Botafogo que foi para o Flamengo. Servi, pelo menos, como o "recaifeiro"...



Em sua residência, Didi recebe uma visita de amigos, dentre os quais o "ólho clínico" que o descobriu e trouxe para o futebol carioca

meia-direita (Didi). Chegou a hora dos contratos. E o empresário estava feliz da vida, confiante no pleno êxito da primeira missão cumprida. Chegou o momento dos contratos, dizíamos, e...

— Eu condicionei que somente poderiam ficar, se fossem todos três. Houve certa indiferença, embora Didi estivesse despertando grande interesse. Afinal, o clube fez a sua proposta máxima: oito mil cruzeiros de luvas e oitocentos cruzeiros de ordenados mensais, com casa e comida. Didi voltou a Campos. Não quis e nem deveria mesmo ficar. Antes, porém, completando a minha decepção, levei-o às proximidades do extinto Café "Rio Branco", o célebre Quartel General do Flamengo. Amado e Jarbas foram cientificadas da presença do jogador. Todavia, o técnico Flávio Costa — soube depois, por terceiros — julgou-o sem "pinta" de craque. E Didi não foi treinar na Gávea, devido a excursão do rubro-negro a Belo Horizonte.

A RECONQUISTA DO CRAQUE

POUCO tempo depois, o Madureira arranhou um jeito de excursionar a Campos, para realizar uma exibição. Esse, o motivo aparente, pois no fundo o tricolor suburbano desejava era a reconquista do craque. Todas as fórmulas e processos foram planejados. Bastando dizer que o prestigioso Aniceto Moscoso chegou até a tornar-se padrinho de Didi. Quinze mil cruzeiros como espécie de adiantamento e tudo foi favoravelmente resolvido. Depois, muitas vezes valorizado, o Madureira cederia Didi ao Fluminense, na base de duzentos mil cruzeiros pelo atestado liberatório. E mais, naturalmente, vinte e cinco mil cruzeiros de uma dívida "extra" contraída pelo player segundo as más línguas com o próprio padrinho...

"EL NEGRITO" FENOMENAL

NÃO custou muito, o Fluminense excursionou ao Uruguai e Didi assombrou os aficionados de Montevideo, com uma atuação soberba nos três a três contra a olímpica Celeste, mais tarde vencedora da IV Copa do Mundo. Os uruguaios chamaram-no "El Negrito", o meia-direita fenomenal que relembra o não menos fenomenal Romano. Chegando a oferecer quinhentos mil cruzeiros pelo "passe". Tudo fizeram para obter o concurso dele, sem alcançarem o objetivo, pois o Fluminense resolveu conservar em seu poder o atestado liberatório do jogador. E Didi, que fizera o consagrado centro-médio Obdulio Varela pedir "soda", cuspi-lo e pisá-lo sem sequer tirar-lhe uma só bola — o que os uruguaios consideraram um fenômeno — continua provando, hoje mais do que ontem, a razão do tricolor em conservá-lo. No certame em curso é a mola mestra do esquadrão. Benedito Rosa sorri, ao vê-lo elogiado por todos, renovando contrato por mais dois anos, com doze mil cruzeiros mensais.

— Não ganhei nenhum vintem. Pelo contrário, só fiz despesas.

Desejamos saber se alguma vez o craque lhe havia dado qualquer importância, por mais pequena que fosse, como prova de sua gratidão. E obtivemos esta surpreendente resposta:

— Felizmente, não. Sou um homem feliz, graças a Deus...

A LONGA RELAÇÃO DE "DESCOBERTAS"

A SEGUIR, divulgaremos a longa relação de jogadores arregimentados por Benedito Rosa para o futebol carioca. Começando com Didi, Dôdô e Sula, do Rio Branco (Campos), para o Madureira; depois, pela ordem de aquisição: Milton, arqueiro do Americano (Campos), para o Madureira também — Alcino, ponteiro-direito que hoje está no São Paulo e Ananias, médio-esquerdo (o primeiro Americano e o segundo do Campos F. C.), ambos para o Olaria — Jarbas e Fachada (respectivamente de Muriaé e do Rio Branco, este de Campos), para o Fluminense, indo depois ambos para a Portuguesa Santista — Carlito, centro-médio do Goitacaz de Campos e Arizão, arqueiro de São João del Rei, ambos para o Botafogo — Bolero, centro-médio do Central (Barra do Pirai), para o Botafogo — Paulinho e Roberto, irmãos que formavam a ala-direita do Goitacaz e Arturzinho, ponta-esquerda do Americano (todos de Campos, para o Flamengo;

Jorginho, atacante do Municipal (Campos), para o São Cristóvão e Quissamã (do Botafogo) e o argentino Lombardini, estes dois últimos iniciando suas atividades internacionais, mandando-os para o Havre (da França).

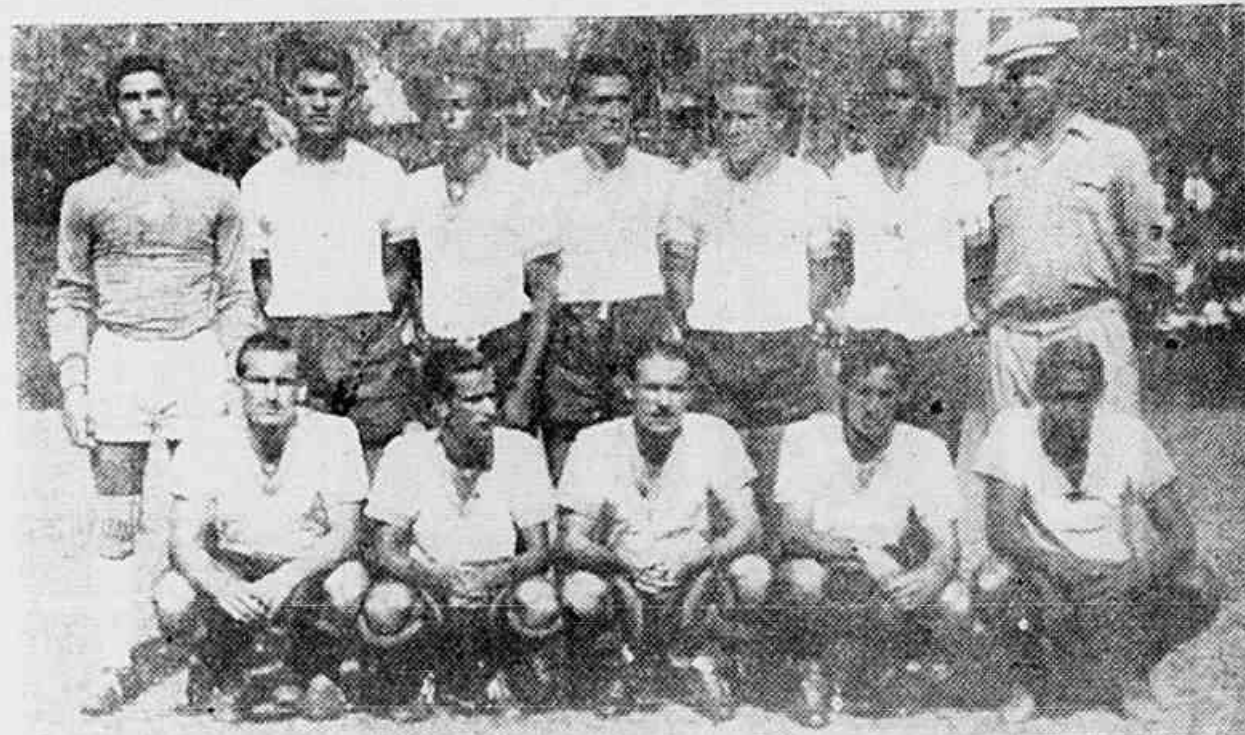
TELÊ, ANTONINHO E EDSON

O PONTEIRO-DIREITO Telê e o seu irmão Antoninho, zagueiro, ambos de São João del Rei, foram trazidos por Benedito Rosa, o primeiro para o Botafogo e o segundo para o Vasco. O back retornou à sua cidade natal e o centro-avante — naquele tempo Telê ainda ocupava essa posição — resolveu voltar ao seu primeiro clube no Rio, o Fluminense, do qual havia saído uma vez para regressar àquela cidade mineira. Telê, aliás, foi praticamente obrigado por Carlito Rocha a reingressar no tricolor, depois que o presidente soube de sua verdadeira situação e tudo fez para respeitar o convênio inter-clubes. Edson, pivot do Fluminense, também foi visado por Benedito, mas quando este chegou a S. João del Rei, o futuro centro-médio havia partido na véspera, para o Siderúrgica.

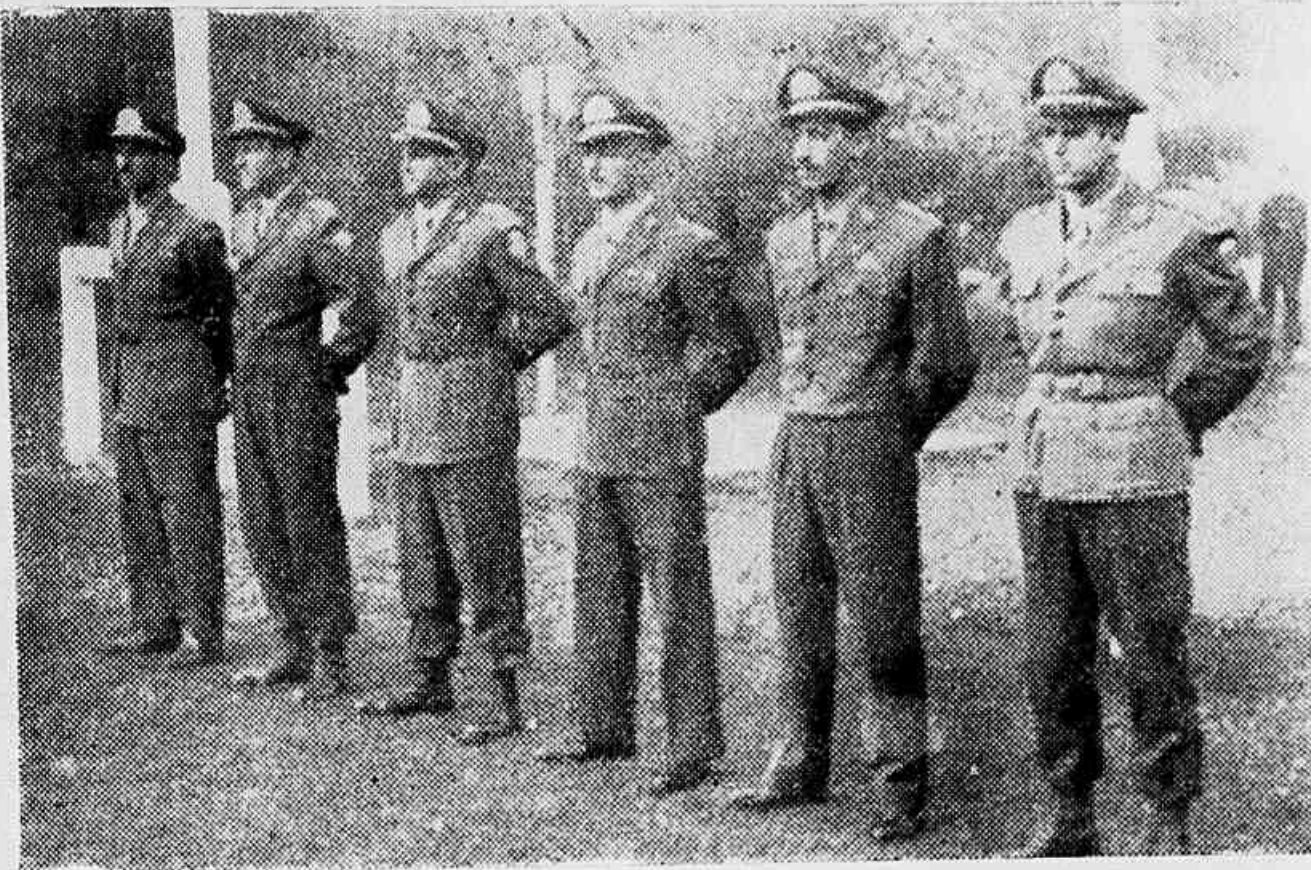
UM POUCO DO EMPRESÁRIO SEM DINHEIRO

QUALQUER outro, com os jogadores que Benedito Rosa trouxe para o futebol carioca, teria feito bom dinheiro. Ele, entretanto, não foi além de uns poucos trocados. E, para finalizar, é o próprio quem nos diz:

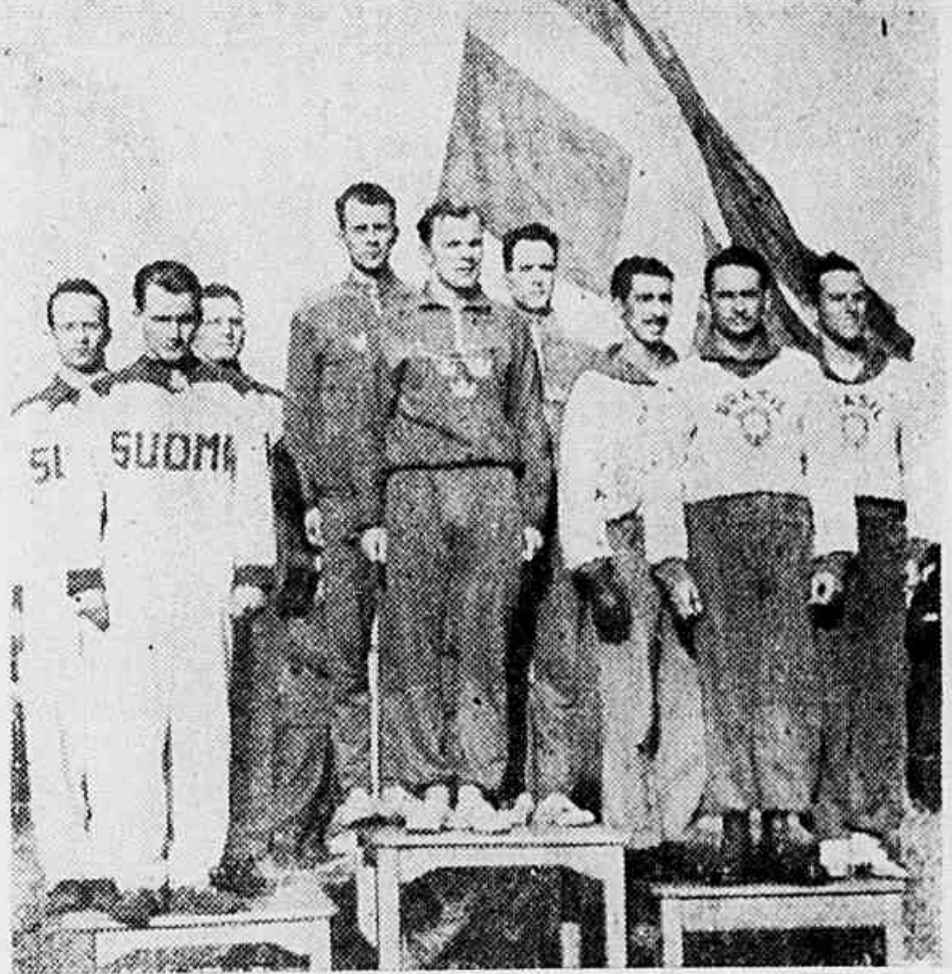
— Tenho trinta e um anos de idade, sou natural de Campos, empregado de Carlito Rocha, ardoroso torcedor do Flamengo e fan de Santos, Zizinho, Didi e Alcino, dentre outros, bem como ainda do Professor Flávio Costa. Posso imensa admiração pelo "seu" Carlito, que é mais do que um patrão; um amigo. Quanto a novas conquistas, se Deus me ajudar trarei de Campos, no princípio do ano vindouro, vários Didi...



Esse empresário "diferente", que faz da entrada do Edifício Cineac o seu "escritório", teve informações da existência de quatro grandes promessas na equipe de São João del Rei, que é vista acima. Reparem bem e reconhecerão o arqueiro Arizão (Botafogo), o centro-médio Edson (o quarto da esquerda para a direita) e Telê, que formava na meia-direita. Até a fotografia ele trouxe, menos o pivô, pois fora transferido na véspera de sua chegada



A delegação brasileira completa, formada na solenidade de abertura do pentatlo moderno



Os vencedores de Helsingborg: ao centro os suecos, campeões, à esquerda os finlandeses, segundos colocados, e à direita os brasileiros, terceiros do mundo



Uma fase da prova de cross a cavalo, acompanhando o capitão Eric no salto

OS PENTATLETAS

BRASILEIROS NA SUÉCIA

E' NOSSO desejo iniciar esta reportagem pondo em relevo um detalhe de suma importância. Os leitores certamente ainda estarão lembrados quão difícil foi a ida dos pentatletas brasileiros ao certame de Helsingborg, na Suécia, quando nem a C. B. D. nem o Exército acharam-se com ânimo de financiar uma viagem de delegação, embora pequena, ao Velho Mundo. E os pentatletas só tiveram a chance de comparecer ao certame em que foram brilhar graças ao Jockey Club Brasileiro, que resolveu financiar o empreendimento esportivo. E queremos chamar a atenção sobre este ponto, justamente, porque, se antes não convinha frisar que uma delegação representando a C. B. D. ia ao estrangeiro a expensas de outra entidade, agora que a delegação em apreço vem de conquistar brilhante êxito, é de esperar-se que em ocasiões futuras a entidade máxima empreste maior apoio a um esporte que pode dar glórias ao renome esportivo do Brasil. Depois da coisa acontecida, do brilho alcançado, os dirigentes da entidade brindaram os pentatletas terceiros do mundo com uma festa de estilo, mas nem por isso deixaram de ouvir da boca do chefe da embaixada, major Ruy Duarte, a necessidade do maior estímulo à prática dos esportes amadoristas, sendo que o pentatlo moderno já fez uma prova de confiança, sendo certo que há no Brasil, entre militares e civis, muitos atletas aptos à prática da interessante modalidade.

ALUNOS QUE FORAM MESTRES

O CERTAME de Helsingborg não foi propriamente um preparatório às Olimpíadas próximas de Helsinque, mas sim um certame anual, quase que de âmbito americano, de vez que, fora de europeus, apenas os norte-americanos costumam ser seus participantes. Acontece que desta vez, com a proximidade das Olimpíadas, o campeonato em questão ganhou maior interesse, daí a batalha que empenharam os pentatletas nacionais para uma participação que seria de estudos e aprendizagem para os jogos olímpicos. E assim foi aquela turma para a Suécia, chefiada pelo major Ruy Duarte, sob a orientação técnica do capitão Salickenefer, e formada pelos capitães Eric Tinoco Marques, campeão pan-americano; Eduardo Leal de Medeiros e Aluisio Alves Borges, mais o reserva tenente Rocha Maia. Foram para aprender e voltaram ao Brasil com um espetacular terceiro lugar, conquista que por quatro pontos não foi ainda mais expressiva, pois foi essa a contagem que nos separou do segundo colocado, a Finlândia, isso depois de mantermos o posto de segundos do mundo durante três provas. Assim, os nossos atletas assombraram os europeus que nunca ouviram falar de brasileiros como pentatletas.

TRES VITÓRIAS COM AGRAVADORAS

NÃO importa que tenhamos ficado atrás dos maiores praticantes do pentatlo moderno — suecos e finlandeses. O que importa é que esses atletas somente alcançaram melhor colocação graças a duas provas, principalmente a de cross a pé, em que são recordistas

O BOX CURIOSO

O MODERNO box, que não é mais do que a luta, regulamentada, entre homens, provavelmente teve sua origem no momento em que dois homens disputaram a primeira peça de caça, um fruto, uma companheira ou uma caverna onde resguardar o corpo.

Quando essa luta de homem para homem passou à categoria de diversão, de entretenimento,

de esporte, foi submetida a regulamentos. Conhecida a importância que os antigos deram aos exercícios corporais com a intenção de preparar homens robustos, ágeis e experimentados para as guerras, foram eles considerados parte da educação do povo e, entre os exercícios ginásticos e os cinco jogos que formavam o "pentatlo" figurava a luta.

No Oriente, principalmente na China e no Japão, a luta e o box são praticados desde a maior antiguidade, como o demonstram múltiplos desenhos. Também várias pinturas egípcias apresentam os exercícios de força e de agilidade dos tempos faraônicos.

Na Grécia, desde os tempos mais remotos, nos dizem as velhas crônicas, a diversão favorita era constituída pelos jogos solenes, nos quais a força e a destreza desempenhavam o papel mais importante.

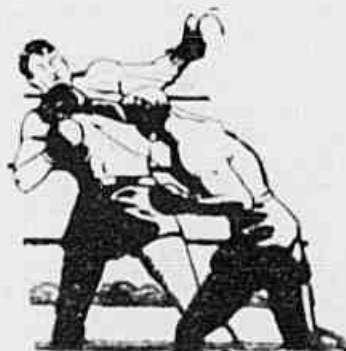
Razões de outra índole, às quais não eram alheios o desenvolvimento corporal, a manutenção da força e da higiene e o sentimento artístico, fizeram desses exercícios uma necessidade, que se impunha por meio de um ensino especial.

INSTRUÇÃO RIGOROSA

NENHUM exercício ginástico, nenhum esporte exigia uma instrução mais clássica do que a luta, porque para ela não era bastante a força bruta, mas se tornava mister destreza e arte, a fim de aproveitar os descuidos do adversário, sem faltar, porém, às regras estabelecidas em tal jogo. Embora, em geral, na maioria das lutas, fosse proibido bater nos adversários, era, entretanto, permitido o golpe de cabeça (cabeçada) e a pancada no rosto do adversário. Isso significa que em todas as épocas já havia o box, desde que assim entendamos a troca de golpes com a mão.

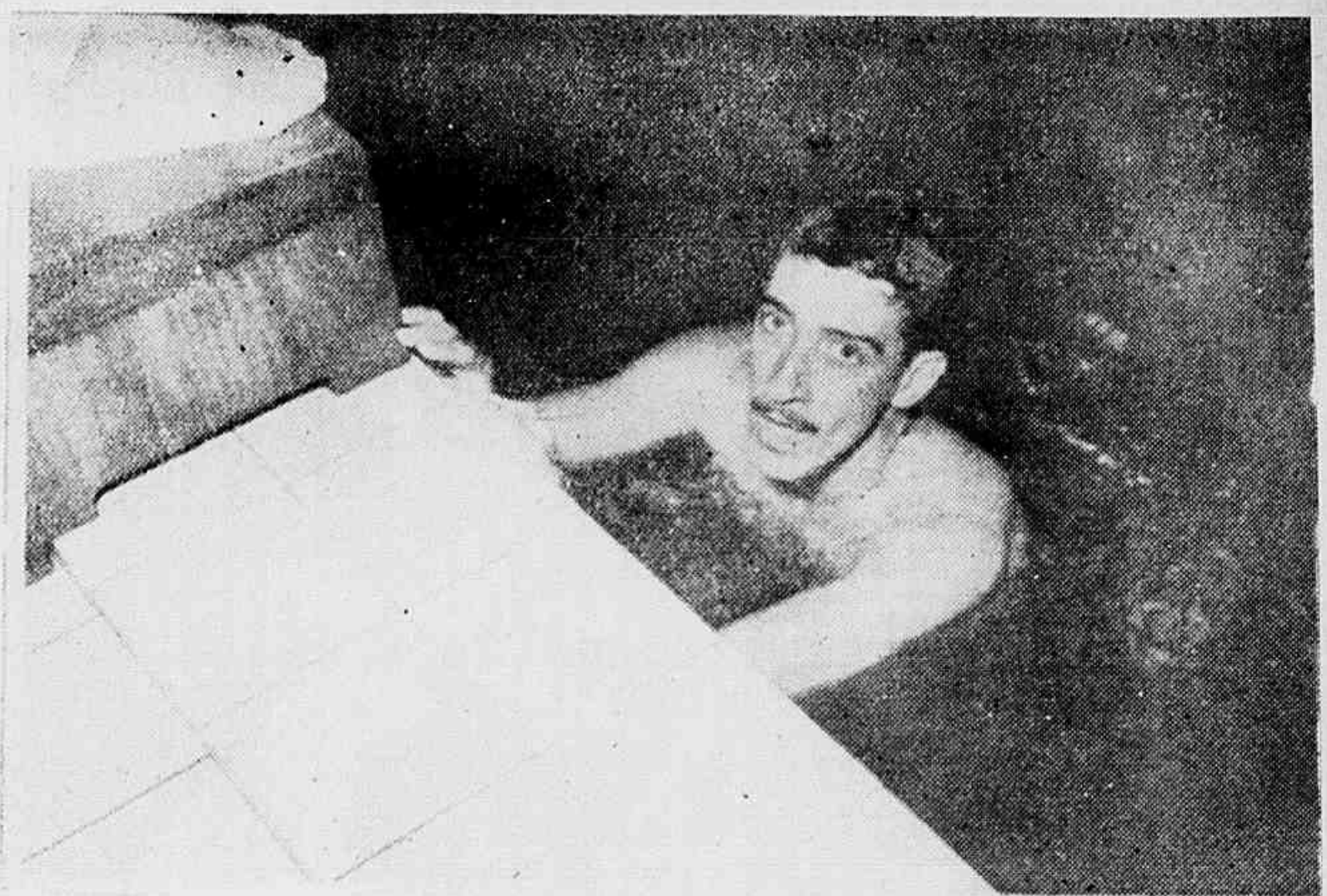
As lutas com trocas de pancada (o box entre gregos e romanos) eram sem dúvida muito mais cruéis, muito mais perigosas do que o moderno box, pois se neste se exige a luva para minorar a brutalidade dos golpes, os antigos usavam, ao contrário, um recurso para aumentar essa selvageria. Era o "cesto", armadura para a mão, adotado pelos atletas no pugilato.

O "cesto" consistia em correias entrelaçadas e guarnecidas com pontas de metal e que se atavam em redor da mão e do pulso, chegando, algumas ve-





O capitão Leal de Medeiros é abraçado pela esposa após o término da competição em que ficou classificado como o quinto pentatleta do mundo

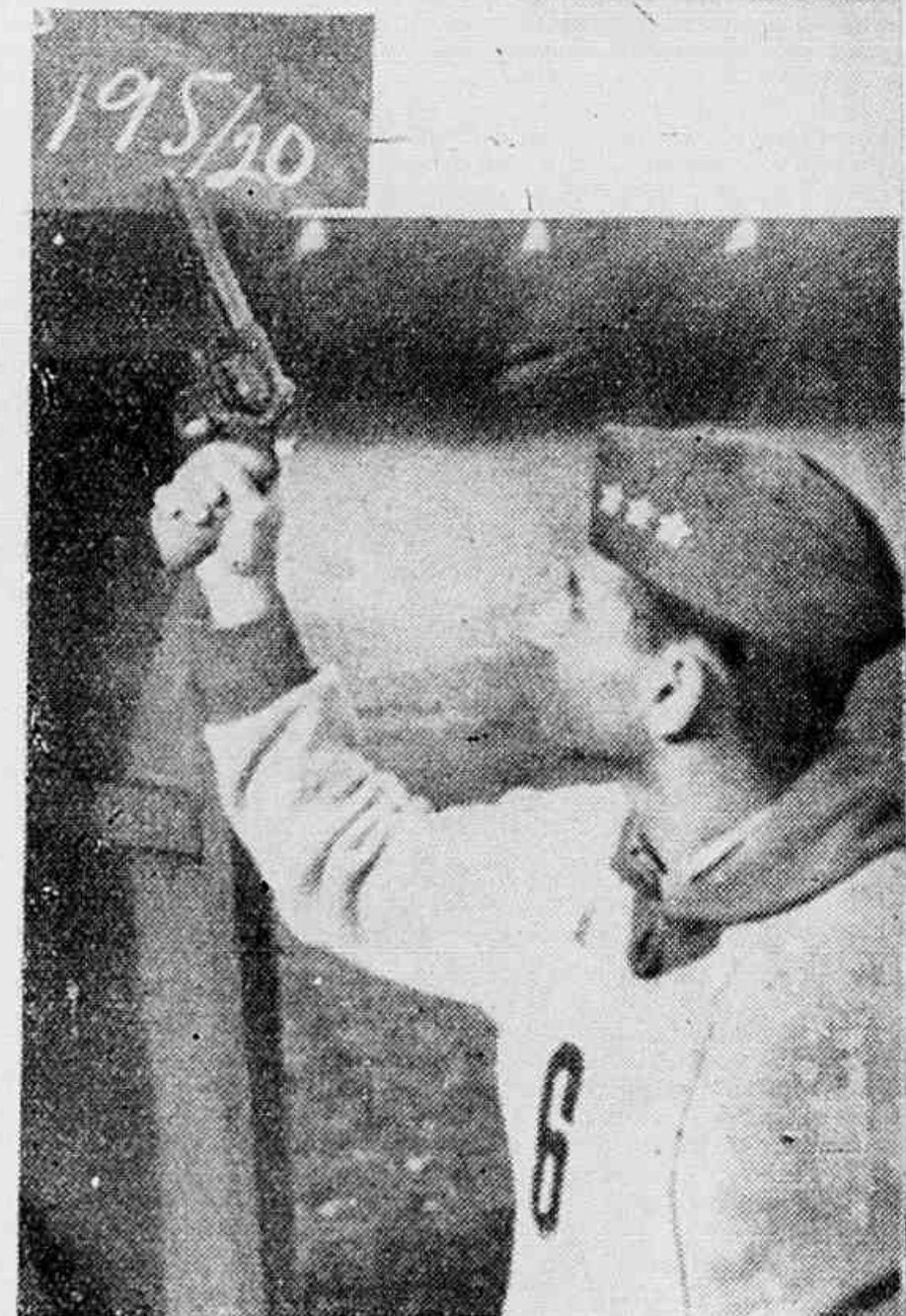


O capitão Eric Tinoco Marques, campeão pan-americano e que integrou a equipe brasileira que classificou-se a terceira do mundo no pentatlon moderno. O capitão Eric obteve na classificação geral o oitavo lugar, logo atrás do capitão Alves Borges, que foi o sétimo

mundiais. Sim, porque nessa prova e na de cross a cavalo alcançaram margem suficiente para ultrapassar os pontos brasileiros conquistados em três vitórias. O pentatlon é disputado em cinco provas — cross a cavalo, esgrima, tiro, natação e cross a pé, em que três atletas lutam por sua equipe, e a nossa foi vencedora em três dessas provas, justamente as intermediárias, que foram esgrima, tiro e natação. O capitão Leal de Medeiros foi o vencedor da prova de tiro, com uma marca de 195 pontos em duzentos, o que constitui performance considerada rara, e também foi o segundo na natação, enquanto o capitão Borges alcançou o segundo lugar em esgrima. Prejudicou-nos, portanto, a prova de cross a cavalo, em que as performances dependem em muito do sorteio da cavallhada. Nessa prova, as nossas colocações foram boas, mas não o suficiente para colocar-nos entre os primeiros, de sorte que, somadas as colocações de cada componente da equipe, cujo resultado constitui os pontos perdidos em cada prova, o Brasil surgiu em sexto, para logo ascender ao segundo e aí manter-se até a prova final. O cross a pé não era o forte da nossa equipe, tendo a enfrentar em seu próprio clima adversários famosíssimos. Não foram boas as nossas colocações e o capitão Eric passou mal na prova, vítima do frio intenso em que transcorreu a disputa. E como consequência sua colocação influiu na contagem, pois por quatro pontos a Finlândia passou-nos à frente. Acentua o capitão Eric que, dadas as estatísticas da prova, estava habilitado a figurar entre os concorrentes regulares, não fôsse o imprevisto do frio.

O EXCELENTE resultado obtido constitui uma glória esportiva para o Brasil, de vez que, para as próximas olimpíadas, seremos considerados como candidatos reais a essa modalidade, mormente pelo fato de os nossos atletas, daqui até lá, terem traçado um programa de treinamento que certamente terá em resultado a elevação do índice técnico da equipe. Assim, nas próximas publicações sobre o pentatlon, o nome do Brasil virá com as seguintes indicações: cross a cavalo — Marques (9.º), Medeiros (15.º) e Borges (16.º), com 49 pontos, em 6.º lugar, tendo à frente a Suécia (9 pontos), Finlândia (21) e Inglaterra (26); esgrima — Borges (2.º), Marques (5.º) e Medeiros (6.º), com 13 pontos, em primeiro lugar, igualado com a Suécia; tiro — Medeiros (1.º), Marques (13.º) e Borges (14.º), com 28 pontos, em primeiro lugar; natação — Medeiros (2.º), Marques (5.º) e Borges (6.º), com 13 pontos, em primeiro lugar e cross a pé — Borges (14.º), Medeiros (12.º) e Marques (23.º). As Olimpíadas estão como mira das atividades atuais dos pentatletas brasileiros, havendo inclusive a ideia de uma concentração na cidade mineira de Monte Belo, onde há piscina e pista para hipismo, possibilitando um amplo programa de preparação para atingir a vitória, que tão bem se delineou em Helsingborg.

O capitão Leal de Medeiros aponta a sua contagem excepcional na prova de tiro, e que lhe valeu a vitória



zes, até ao cotovelo, para maior segurança e defesa.

ARMA BARBARA

O "CESTO" vinha a ser, assim, uma espécie dessa bárbara arma moderna, conhecida por box inglês. Um golpe de "cesto" costumava ser mortal e por isso os pugilistas cobriam a cabeça com um capacete de couro, chamado "anfótida", que resguardava inclusive as orelhas. Esse box não era raro, pois a história e a tradição nos dizem que esses jogos foram instituídos em Padua por Antenor, em cuja honra eram celebrados.

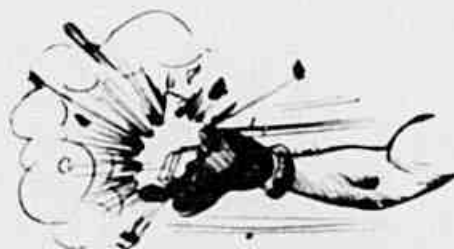
Segundo Tácito, nesses jogos o republicano T. Paeto, natural de Padua, cantou uns versos, vestindo roupagens trágicas e sendo muito aplaudido, o que provocou o despeito de Nero e, mais tarde, devia perdê-lo.

Dois modos de luta eram admitidos pelos gregos: um, em que os lutadores se esforçavam por derrubar o adversário, levantando-se para continuar, até que um tombasse três vezes, com o que era considerado vencido; o outro consistia em que, uma vez um deles no solo, impedir o adversário de se levantar. Isto é, com pouca diferença das modernas lutas greco-romanas.

Ulisses, ao lutar com Ayax, empregou o truque ou recurso de golpear com o calcanhar as articulações principais do adversário.

Numerosas são as pinturas de vasos em que se vê reproduzidas diferentes fases dessas lutas.

A luta ginástica e ado "cesto" foram, na Grécia, um só exercício, ao qual a mocidade se entregava por paixão. E não só isso posto que se tornou a parte principal de todos os jogos celebrados no anfiteatro em caráter de espetáculo popular.



O "pugilato" foi, incontestavelmente, o pai do box atual e os gregos o conheceram desde o tempo de Homero. Assim, pois, o avoengo desse esporte, que hoje entusiasma as grandes massas populares das principais cidades do mundo, não pode ser mais clássico nem contar com origem de maior importância.

Armados com os "cestos" que os auxiliares se encarregavam de atar a seus punhos, os lutadores se apresentavam na lica (moderno ring) e depois de experimentar a agilidade, fazendo com os braços evoluções e dividindo-se aos pares para praticar, eram, finalmente, colocados frente a frente e cada qual tomava a posição mais vantajosa, inclinando para a frente a parte superior do corpo. Então era iniciada a luta.

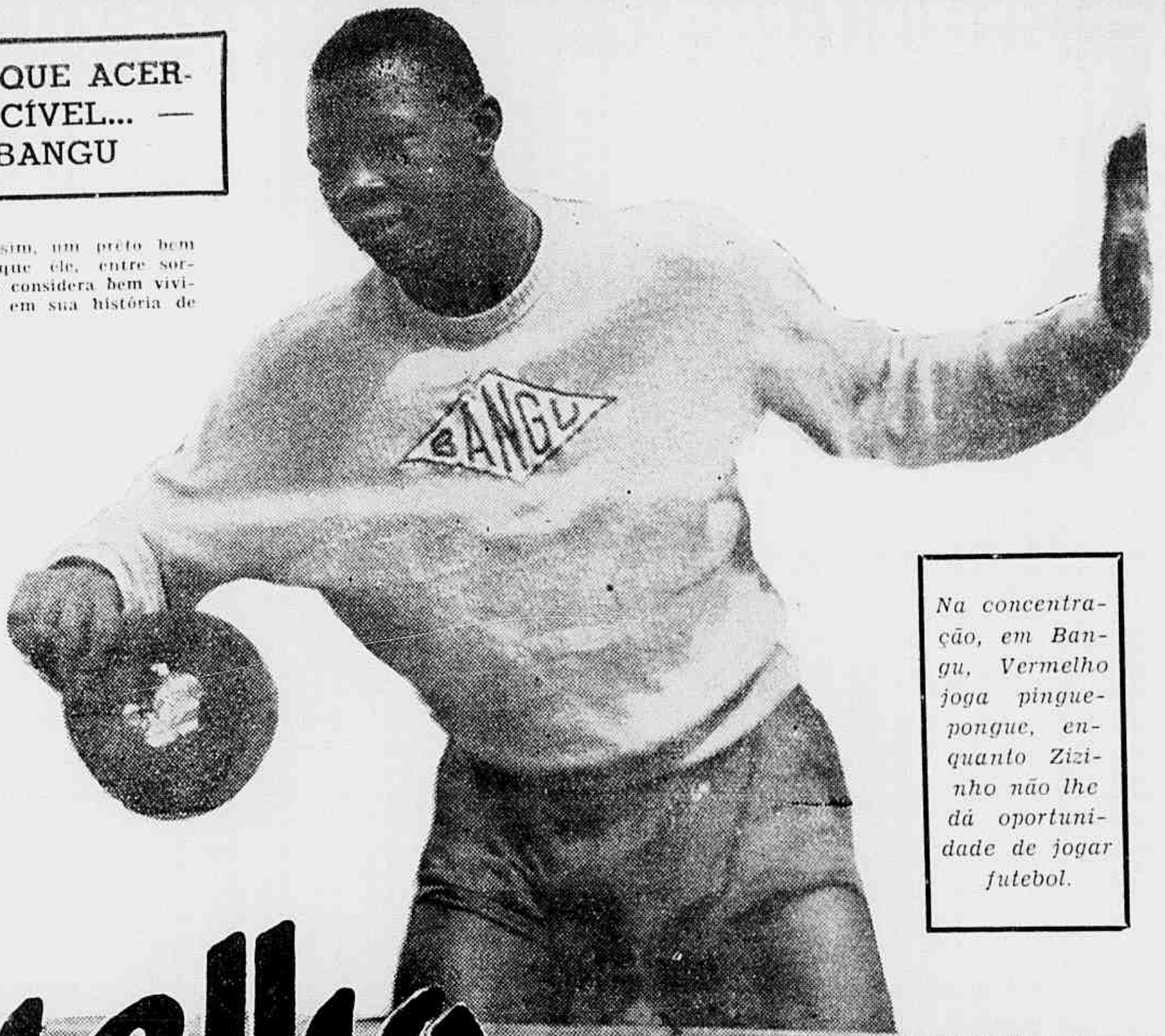
VENCER PELA FADIGA

CADA lutador ou "púgil" devia procurar que seu adversário se fatigasse, até não poder continuar. Era muito mais apreciada a vitória conseguida por cansaço de um dos adversários que pela perda de sangue. Os lutadores trocavam golpes com ambas as mãos, porém quase sempre com uma só, até fatigar o braço, passando então a usar o outro, empregando o primeiro para defesa do próprio corpo. O atleta podia avançar ou retroceder, dar saltos de um para outro lado, encolher-se e empregar quantos truques lícitos lhe ocorressem. O emprego de subterfúgos proibidos era severamente castigado. Os "púgils" dirigiam os golpes para a parte superior do corpo, isto é, como no box moderno, no qual só não são permitidos golpes da cintura para cima, excetuando-se a nuca.

Quando os lutadores se igualavam em resistência, costumavam tomar alguns momentos de descanso, afim de continuar novamente, com redobrado ardor, até que um deles tombava ou levantava as mãos, em sinal de que se considerava vencido. Claramente se verifica que o antigo "pugilato" deu origem ao box moderno e que o estudo daqueles jogos com "cesto" foi a base para o regulamento da luta a sócos, espetáculo moderno que a Inglaterra, primeiro e, depois, os Estados Unidos, se encarregaram de espalhar pelo mundo.

**O PADRINHO CAMARADA QUE ACERTOU... — PARIS INESQUECÍVEL... —
UMA SURPRÊSA EM BANGU**

VERMELHO nada tem de vermelho, mas é sim, um preto bem relinto, com seus dezoito anos atuais, que ele, entre sorrisos de dentes grandes e puros como açúcar, considera bem vividos... Também, ele já foi até Paris e tem em sua história de jovem uma linda bailarina, que até hoje não lhe sai dos olhos, continua sendo o seu sonho. Será mais interessante, porém, explicar primeiro por que o jogador do Bangu tem esse nome esquisito de Vermelho e explicar também por que ele, só com seus dezoito anos, já é um conhecedor de muitos e muitos países da Europa. A história desse jogador que subiu como foguete, pois até pode ser considerado o reserva de Zizinho, senão atual, pelo menos num futuro bem próximo, tem forçosamente que ser curta. São oito anos apenas que poderão interessar ao leitor, pois desse tempo para cá é que Vermelho iniciou a atividade que o iria tornar conhecido em terras tão distantes: chutar a bola. O seu nome verdadeiro só interessará nas fichas oficiais, pois o público quer saber é de Vermelho, e, se chegar a ser grande craque, como promete, a fama projetará esse nome que é um apelido singular. Aos dez anos de idade aquele negrinho começou a aparecer mais do que os outros garotos no time do Ginásio Bithencourt, em Campos. Aliás, é interessante destacar o interesse que há pelo futebol naquela cidade fluminense, onde cada colégio mantém três quadros — o infantil, o segundo time e o primeiro time, com técnicos e tudo. Vermelho ainda não era Vermelho naquela época e seu futebol era jogado no infantil, ainda na "pelada", até que um técnico do ginásio achou de promovê-lo ao



Na concentração, em Bangu, Vermelho joga pingue-pongue, enquanto Zizinho não lhe dá oportunidade de jogar futebol.

Vermelho

RESERVA DE

ZIZINHO

segundo time. E como falamos nesse técnico, o Colbert Nunes, cabe aqui o esclarecimento do apelido do jogador. Já havia em Campos outro garoto conhecido por Vermelho, e quando o nosso rapaz machucou-se na perna, sangrando abundantemente, o técnico chamou-o brincando de Vermelho. A coisa pegou e depois havia até muita gente pensando que os dois vermelhos eram irmãos, o Vermelho e o primeiro dono do apelido, que jogava no Madureira de Campos.

O PADRINHO CAMARADA QUE ACERTOU...

O QUE Vermelho só esclareceu depois de muita conversa é que o dono do colégio era seu patrão e seu fã número um. O repórter sorriu significativamente, mas esse pretinho que tem tudo de azougue, não encabulou e disse logo sem nenhuma modestia que o padrinho era o dono do colégio, mas ele tinha cartaz porque jogava mesmo bola... Por isso, embora fosse muito magrinho, com quinze anos, foi para o primeiro time, quando foi organizada uma olimpíada entre os colégios de Campos. Influência do padrinho, que mais uma vez acertou, porque Vermelho foi nada menos do que o artilheiro do certame colegial. Nessa altura, o técnico Colbert achou de bom aviso levá-lo para o Americano F. C., pois também lá exercia suas atividades. E, com isso, Vermelho foi para o infantil do clube, sendo companheiro de Pinheiro, Emilson, Zé Henrique e outros que estão no futebol carioca. Durou pouco no infantil, pois, como Pinheiro, que subira ao juvenil, vindo logo depois para o Fluminense, Vermelho ascendeu ao time superior, assistindo depois às despedidas de Emilson e Zé Henrique. Ficou ele, que em vez de vir para o Rio teve nova promoção, passando ao primeiro quadro, passando mesmo por cima do segundo time. E foi nessa época justamente que um irmão de Pinheiro o trouxe aqui, para treinar no Fluminense. Acontece que Oto Vieira achou-o muito magrinho e, depois de uns três treinos, regressou a Campos meio desiludido. Mas lá em clima acreditavam no seu jogo, tanto assim que, quando

Darcy Martins andou escolhendo os jogadores para formar a seleção do Estado do Rio, o nome de Vermelho estava no meio. Mas quando ficou constatado que ele não tinha ainda dezoito anos não pôde ser aproveitado, ficando, entretanto, na seleção de amadores, que derrotou os cariocas por 5x3, em quarenta e nove. A atuação no Campeonato Brasileiro de Amadores valeu-lhe várias ofertas, sendo que esteve outra vez no Fluminense, que agora chegou a fazer propostas (800 cruzeiros) e pagou a sua passagem para ir a Campos. Mas a essa altura não era só o Fluminense, arrependido da primeira oportunidade perdida, também o Flamengo, o América, o Canto do Rio, o Botafogo, o Vasco e o Bangu queriam o seu concurso. Foi o grêmio suburbano que ofereceu mais e Vermelho não resistiu a um contrato em que recebeu seis mil cruzeiros logo de saída e ficou com o ordenado de mil cruzeiros mensais. A ascensão foi rápida e depois do contrato a que aludimos, valendo até abril deste ano, Vermelho, antes de embarcar para a Europa, renovou sua condição de profissional banguense, mas passando a perceber cinco mil cruzeiros mensais.

PARIS INESQUECÍVEL...

DAI a Paris e quase toda a Europa, foi questão de entrar no Constellation. Estava iniciada a grande aventura de Vermelho no futebol. A partir desse dia, seus dentes alvos reluziram ainda mais, expressando a grande alegria que ia pela sua alma. E não era só a satisfação da viagem. Vermelho sabia que a sua condição de reserva, numa temporada em que dois times viajariam juntos, equivalia quase à certeza de não passar da simples condição de jogador com prêmio de viagem. E claro que do ponto de vista turístico nada melhor, mas Vermelho não ficou alegre por viajar a tal ponto que esquecesse o futebol. E, ademais, jogador novo, querendo aparecer ao máximo, nada sedutora era essa perspectiva. Mas tudo estava para ele e quando menos esperava, viu-se o Bangu sem Zizinho. Ondino lançando mão de Vermelho. E naquela estréia dupla, como jogador de primeiro quadro e como internacional, Vermelho não fez gols, é certo, mas deu passes para a conquista de tentos. Era de ver aquele



Vermelho sorri feliz, em Paris, ao lado da amável bailarina loura que tanto o impressionou.



Nivio, Pingueta e o "Reserva de Zizinho".

negrinho ainda um pouco desengonçado atuando nos gramados europeus. Nem parecia que faz poucos anos sua mãe chegara a desistir de fazer dele alguma coisa. Vermelho só pensava em bola, a ponto de perder até o emprego nos Correios e Telégrafos (botava as cartas no bolso e ficava na pelada). Deixemos, porém, de lado o sucesso futebolístico de Vermelho para apreciar as suas reações no contacto com o mundo diferente que é a Europa. Atracção em toda parte que passou, a representação do nosso futebol tinha um elemento que mais se destacou. Vermelho ficou empolgado com o que viu pela viagem afora, e, quando chegou a Paris, sua impressão foi de que não sairia mais de lá. Hoje, Vermelho acha que teria desejos de voltar lá, mas como jogador, sabe que uma permanência prolongada na capital da França o acabaria para o futebol... Vermelho teve uma história em que a figura central foi uma linda bailarina. Talvez ele tenha mesmo esquecido a bola naqueles momentos em que acompanhou com seu sorriso gozado a linda bailarina. Hoje, passado tanto tempo, Vermelho ri, um pouco encabulado, quando se fala na bailarina.

UMA SURPRESA EM BANGU

NÃO é necessário dizer que Vermelho gastou como nababo na Europa. Nunca havia visto tanto dinheiro em seu bolso e tudo que achou bonito foi comprando. Quando chegou ao Rio, foi com as finanças arrasadas e aí uma surpresa o esperava: sua mãe. O Dr. Silveirinha havia conseguido uma casa para ele e mandara buscar a "velha". Vermelho ficou louco de alegria e, mesmo tendo que arranjar dinheiro por conta, mobiliou a casa de Bangu. Por isso tudo, até hoje ele ainda não pôde juntar um tostão do belo ordenado que em tão pouco tempo soube ganhar. Mas tudo corre sempre bem para o seu lado, de sorte que Vermelho está satis-



Muita coisa bonita impressionou Vermelho na Europa, mas nada como a patinadora loura... E ainda hoje a imaginação de Vermelho voa de Bangu e se fixa nos volteios e requebros da bailarina de 18 anos



feito da vida. No clube todos os companheiros gostam de seu modo alegre. Zizinho e ele se tratam de compadres, porque são do mesmo Estado, enquanto Mirim é seu compadre de verdade. Vermelho em toda a sua carreira, tão assemelhada a um foguete, só teve um desapontamento, que foi a tremenda vala que levou da torcida banguense, este ano, do principio do campeonato. A culpa foi dele mesmo, pois que, jogando contra o São Cristóvão, fracassou inexplicavelmente. E que jogou como meia esquerda e não conseguiu firmar-se. Depois daquela tarde, ficou tão encabulado, que lá em Bangu, nas rodas habituais, durante muitos e muitos dias não foi visto. Ia de casa para o clube, disfarçava, deixava para sair depois dos treinos para poder apressar o passo, cabeça baixa, sem encarar ninguém. Assim é Vermelho, o banguense que tem pinta de craque.



Antes de entrar em ação,
o "Dinamo" aparece tranquilo, para...

Texto de **JORGE LEAL**
Fotos de **INDAIASSÚ LEITE**

O AMÉRICA possui um jogador no qual o público e a crítica já se habituaram a ver uma autêntica máquina. Pela sua absoluta regularidade, precisão de todos os movimentos e, também, devido à bárbara produção física evidenciada a cada match. Surgiu há poucos anos, veio do nada, porém em pouco tempo quase conseguiu o máximo, pois realmente falta-lhe pouco para atingir ao todo. Talvez até seja desnecessária, depois disto, a simples citação de seu nome: Ranulfo; ou, por extenso, Ranulfo Pereira Machado. Esse dinamo, cujo rendimento, quer atlético, quer técnico, superou a qualquer expectativa, custou apenas oitenta mil cruzeiros e presentemente está valendo vários milhares — quase um milhão — de cruzeiros. Antes, porém, de chegarmos às sensacionais revelações do craque, vamos recuar um pouco no tempo até nos encontrarmos em mil novecentos e vinte e cinco, a vinte e sete de maio, quando o player nasceu, em Ilhéus, na velha Bahia.

BRASIL, SANTA CRUZ, IPIRANGA E AMÉRICA

FORAM em número de quatro os clubes aos quais Ranulfo prestou serviços. Começando no querido Brasil, aos dez pra doze anos de idade. O Brasil era... — um "clubeco" da famosa Liga Pratana, lá de Ilhéus...

Quando chegaram as dezoito primaveras apareceu o Santa Cruz.

— Esse já tinha outra fisionomia. Um grêmio local, mas disputante não somente de certamens regionais. Tanto assim que nele logrei tornar-me vice-campeão estadual.

Alguém do Ipiranga, de Salvador, viu-o jogando pelo Santa Cruz e se interessou de imediato por seu concurso. E Ranulfo, até então um trabalhador rústico — oficial de pedreiro, auxiliar de uma farmácia e sapateiro, principalmente isto — trocou Ilhéus, transferindo-se para Salvador e consequentemente ingressando no Ipiranga. Deixando lá na cidade natal o casal Firmino Machado e Helena Pereira Machado, bem como ainda a saudade de dois irmãos falecidos. Afastando-se do pai, um electricista de mão cheia, para tentar a sorte em meio maior, onde o desenvolvimento sempre crescente do futebol lhe assegurasse a chance de mais amplas possibilidades de progresso. Foi feliz, passando a defender a nova associação e aproveitando a capital para dar seguimento à série quase interminável de sucessos que pontilham sua carreira futebolística. As excursões do América pelo Norte, juntamente com as elogiosas informações gerais a respeito do novo e futuroso craque que despontava, deixaram os rubros desejosos de trazê-lo para o plantel de profissionais de Campos Sales, abrindo-lhe, outrossim, as portas do futebol metropolitano para ascensão ainda mais rápida. Todavia, o Sr. Genebaldo Figueiredo, presidente do Ipiranga, sabia o valor exato do material humano possuído, daí a tremenda resistência imposta, numa tentativa desesperada de conservar o jogador. Frendeu o "passe" de Ranulfo, considerando-o inegociável e ao mesmo tempo imprescindível ao esquadrão e às seções da Boa Terra. Todas as providências foram tomadas e, uma vez esgotados os últimos recursos para contornar fosse dada uma nota dissonante na situação...

— Só me restou um recurso, qual seja o de planejar e executar uma fuga. Foi o que fiz. Peguei um avião em Salvador e, quando houve espanto geral, eu desembarcava no Rio. Diretamente para Campos Sales.

RANULFO



...terminar exausto, com a perda
de dois e meio a três quilos, após cada match.

DELÍO NEVES SOLUCIONOU A QUESTÃO

— ANTE meu espanto, da noite para o dia vi transformar-se radicalmente o "caso". Principalmente devido ao fato do Ipiranga negar-se, terminantemente, a vender meu atestado liberatório. E protestar, inclusive judicialmente, para "bombardear" a questão. O fato é que não saía a transação, de forma alguma. Essas ocorrências registraram-se de quarenta e oito para quarenta e nove, entre um e o outro ano. Por intermédio do Madureira, consumou-se a transação. Delíio Neves pertencia, naquela época, ao tricolor suburbano, onde trabalhava com Plácido. E prontificou-se a funcionar como mediador. Já que o Ipiranga se dispunha a vender meu "passe" para todos os outros clubes, exceção feita para o América, a coisa tornou-se mais fácil. Mediante oitenta mil cruzeiros, encontrou-se a solução ideal para o complicado problema. Fui transferido do Ipiranga para o Madureira, sem conhecer sequer Conselheiro Galvão, até essa altura. E depois de vinte e quatro horas como tricolor suburbano vir afinal para o América. Devo ao Madureira e a Delíio Neves esse favor.



TROCOU DE MEIA...

RANULFO esclarece haver trocado de posição, quando passou a treinar e posteriormente a defender o América.

— Troquei de meia...

Para completar, desfazendo a blague:

- Mudei da direita para a esquerda.
- Quer dizer que você começou na meia direita, quando ainda criança.
- Perfeitamente. E cheguei a formar ala, algumas vezes, com um dos meus saudosos irmãos. O outro, não era ponta-direita, era back.

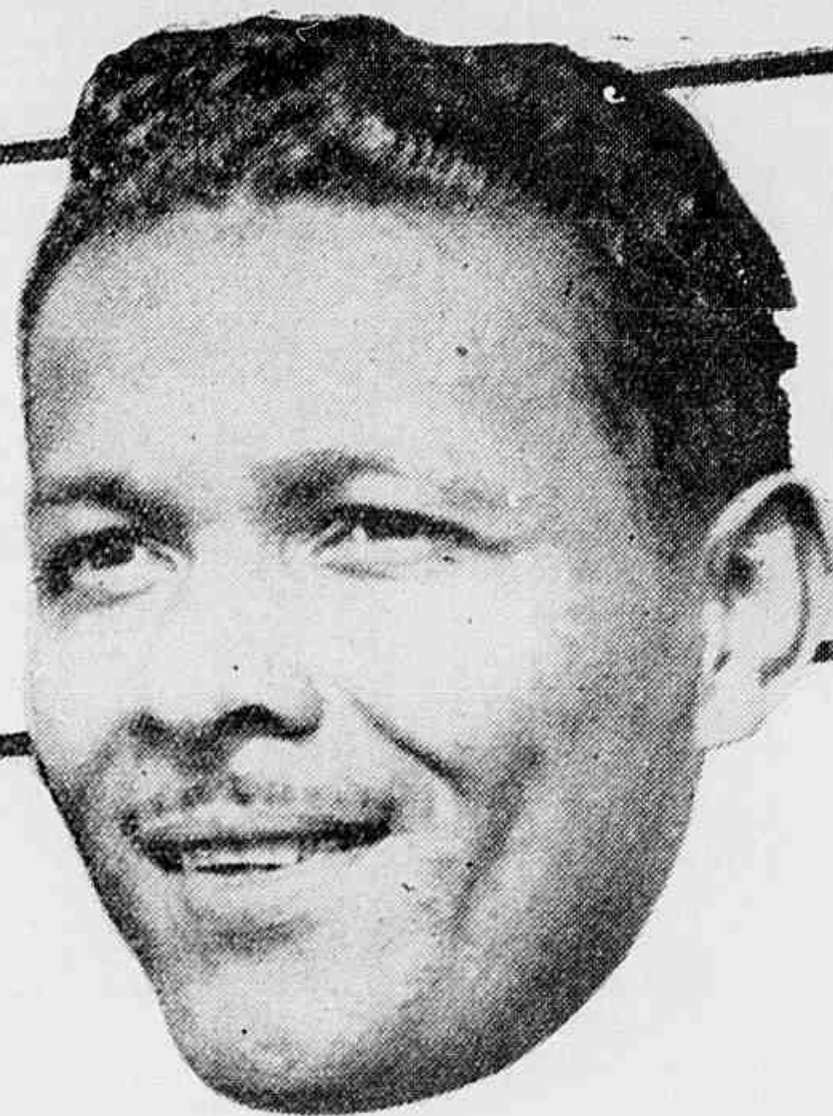
a máquina!

DOIS CONTRATOS

FORAM em número de dois os compromissos até este momento firmados pelo player baiano com o América. Ambos por duas temporadas. O primeiro com trinta mil cruzeiros de luvas e mil e duzentos cruzeiros por mês e o segundo na base máxima permitida por lei, ou seja cento e vinte mil cruzeiros por dois anos, o que equivale a média de seis mil e quinhentos cruzeiros de ordenados mensais, computando-se os "extras", sem incluir as gratificações por empates e vitórias, entretanto. O futebol já lhe deu, dentre outras coisas, um carro Morris chapa 10-79-47, no valor de cinquenta e cinco mil cruzeiros.

COMERCIO DE CARROS

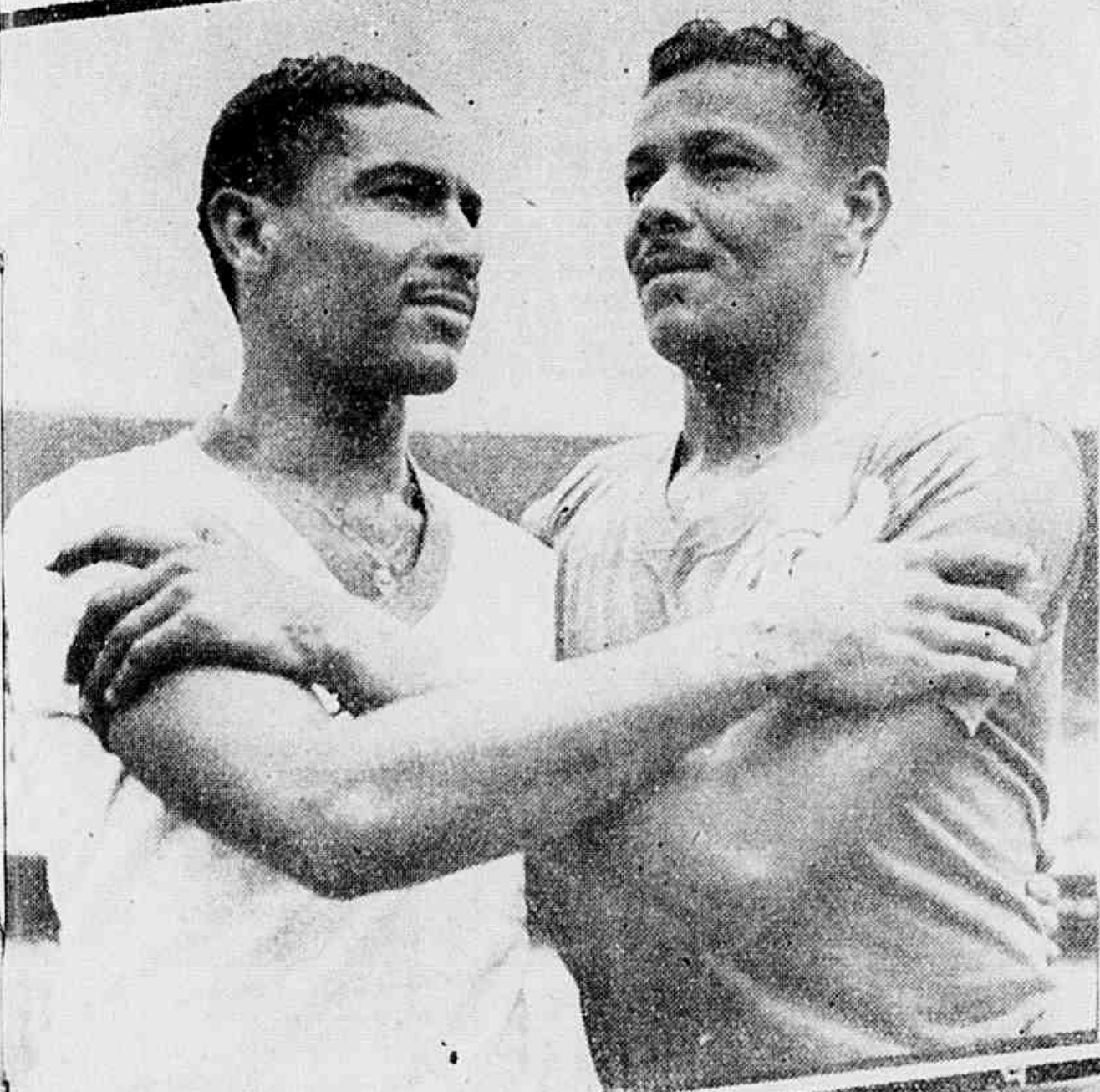
O CRAQUE hoje dirige muito bem e tem aproveitado as oportunidades para aprender alguma coisa de mecânica, pensando naturalmente nos dias incertos do amanhã. Previdente, Ranulfo encaminha-se para outra nova profissão. Deseja comerciar, quando o futebol chegar ao fim. Comprar e vender carros, con-



VAI DEIXAR O AMERICA

NO final da palestra, o craque fez uma revelação sensacional. Ranulfo está disposto a deixar o América. Vejamos sua exposição de motivos: — Tenho contrato firmado com o grêmio de Campos Sales até trinta e um de dezembro do ano vindouro. Mais uma temporada de compromisso, portanto. Mas penso em deixar o América assim que terminar o Campeonato. Talvez antes mesmo do Torneio Rio-São Paulo. Preciso progredir mais ainda e essa é a grande razão que possuo para argumentar minha tão almejada transferência. Quando pequeno, tive simpatias rubro-negras, não porque conhecesse qualquer coisa do popular clube carioca. Pelo fato de possuir um tio que jogava no time de Ilhéus denominado Flamengo. Depois, vim para o América e pela convivência, tornando-me amigo de todos, acabei gostando do grêmio americano e transformando-me num dos seus simpatizantes. Não guardo qualquer magoa do América, nem digo que vá ingressar no Flamengo, embora o rubro-negro, no princípio deste ano, haja envidado esforços para conseguir minha cessão. A exemplo do que ocorreu também com o São Paulo. Seja para continuar no Rio ou ir para a capital bandeirante, o essencial é transferir-me. E, naturalmente, só servirá um clube maior ainda do que o atual. Dos dirigentes, técnico e companheiros americanos guardo as mais gratas recordações, pois até hoje todos têm sido muito bons comigo. Apesar disso, envidarei os maiores esforços para transferir-me logo após o certame carioca. Sinto necessidade de me expandir e o meio começa a ficar pequeno...

...os fotógrafos não dão folga e o craque dispõe sempre de pouco tempo.



Não há adversário que não o admire e seja seu bom amigo, como Moacir Bueno, do Bangu, que é visto abraçando-o. Depressa pois...

certá-los, comprar lotações, etc. Tem verdadeira mania por automóvel e quem chegar de surpresa no hotel em Santa Teresa, onde os rubros estão concentrados, deverá encontrá-lo sempre às voltas com o seu carro, ainda que seja apenas limpando-o.

O CRAQUE E A ATLETA

DENTRO dos seus vinte e seis janeiros completos, Ranulfo Pereira Machado pensa, maduramente, em constituir família. Por uma especial coincidência, arranhou uma noiva que é atleta. Chama-se Elene Campelo da Rocha, carioca de nascimento e fervorosa adepta do América, pelo qual, inclusive, já foi campeã de natação.

MAIS ALGUMAS IMPRESSÕES

A "MÁQUINA" da equipe rubra, cujo princípio de vida no Rio foi agitado também por um caso de insubmissão no Exército, felizmente resolvido de forma satisfatória, e por uma série de "farras" das quais hoje só restam saudades, teceu mais algumas considerações sobre o futebol carioca. Declarando-se ardoroso admirador de uma porção de companheiros de profissão, do Rio e de São Paulo, bastando citar entre eles Ademir, Zizinho, Barbosa, Manéca, Joel (do Flamengo) — este enquanto não afivelar a máscara — e até, por mais surpreendente que possa parecer, de outro Joel, o zagueiro-direito do América. Sua grande ambição é conquistar campeonatos locais, em um grande conjunto, e ser scratchman metropolitano e brasileiro.



Feitos

um

para o

outro...



Um verdadeiro "crack", legítimo puro-sangue, requer, para conduzi-lo, o pulso firme, a fibra e a perícia de um autêntico "jockey". Do mesmo modo, para V. obter um barbear perfeito, com a lâmina Gillette Azul, passe a usá-la sempre num aparelho Tech... pois foram também feitos um para o outro!



- Fricos anti-deslizantes garantem maior proteção contra cortes.
- Barra-distensora permite um escanhoar rápido e suave.
- Suportes firmes na lâmina eliminam a trepidação.
- Aberturas amplas para mais fácil limpeza.
- Cabo com ranhuras para manuseio firme e seguro.

APARELHO GILLETTE
TECH
LÂMINA 'GILLETTE
AZUL

FEITOS UM PARA O OUTRO

OPORTUNIDADE

V. quer escrever sobre esporte? Submeta uma reportagem à nossa apreciação. Se aceita, nós lhe pagaremos de acordo com a nossa tabela de remuneração em vigor. Envie seu trabalho por via postal ou entregue-o pessoalmente nesta redação.



O quadro do Internacional de 1900, posando no campo então existente no Bom Retiro. O centro-avante é Casimiro da Costa.

CASIMIRO

No dia 19 de dezembro de 1901, os cinco clubes já existentes em São Paulo (S. Paulo Athletic, Mackenzie, Internacional, Germania e Paulistano), após algumas "demarches", resolveram dar por fundada a Liga Paulista de Foot-Ball. Foi, pois, há 50 anos, precisamente, que tivemos a primeira enti-

O MALABARISMO DE JAGUARÉ



II OUVE os que afirmaram ter sido Jaguaré o maior goleiro do mundo. Pelo menos ele era capaz de praticar defesas espetaculares e seu malabarismo e sangue frio eletrizavam a multidão. Jaguaré entrava em campo absolutamente despreocupado e, iniciado o jogo, desconcertava os adversários com uma excentricidade toda sua: rir. Jaguaré jogava rindo, e quando um atacante adversário perdia uma oportunidade escancarava a boca num riso que irritava toda a linha atacante. As vezes estava descolocado, mas a bola acabava indo à trave, e Jaguaré, em vez de ficar nervoso, como aconteceria com qualquer outro na mesma situação, desandava a rir, para desconcerto do atacante. E era rindo um riso todo seu que, depois de fazer defesas magistrais, punha a bola a girar no dedo indicador, e ele dizia — "para acabar com os nervos do adversário".

UM CASO DE ARITMÉTICA

Nem todos os jogadores de futebol são tão espertos quanto esse. O professor estava examinando o rapaz, que jogava para a Universidade, e depois de algumas perguntas simples que foram respondidas corretamente perguntou de súbito:

— Se o Everest é a maior montanha da Terra, que idade eu tenho?

O jogador ficou um instante calado, antes de responder.

— Quarenta e oito.

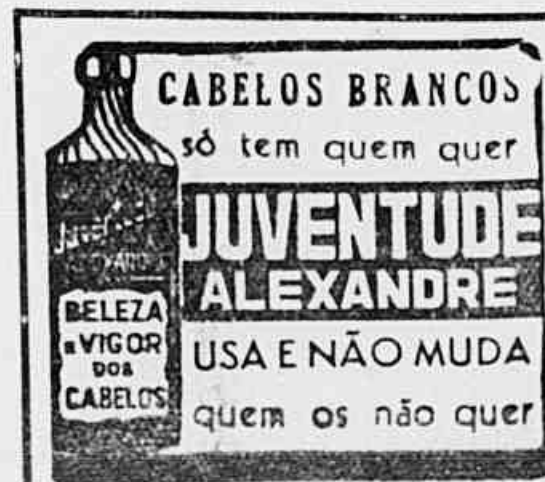
O professor arregalou os olhos.

— Certo! — exclamou surpreso.

— Como foi que você acertou?

— Ora, é um simples caso de aritmética — respondeu calmamente o outro. —

Tenho um amigo que é apenas metade menos maluco do que o senhor e tem vinte e quatro anos!



dade do "association" surgida no Brasil. Seu principal artífice foi o jovem Casimiro da Costa. Seu nome, até 1900, não aparece no cenário futebolístico indígena. Estava estudando na Europa. Eis que chega um moço, que deu organização ao futebol paulista e, com ele, nasceu no esporte bretão local o espírito de organização, e seu nome ao lado de Charles Miller, Hans Nobiling, constitui a trindade dos grandes pioneiros que lançaram as bases e os alicerces do edifício do futebol em São Paulo. Foi ele o fundador da primeira entidade, seu presidente inicial, o instituidor da primeira taça do campeonato e, também, um dos promotores dos primeiros jogos Rio-São Paulo, além de ser o centro-avante e capitão do S. C. Internacional, e o primeiro centro-avante e capitão da seleção. Hoje, Casimiro da Costa conta cerca de 80 anos de idade. O Costinha, como era chamado pelos seus companheiros, começou com os mesmos a incentivar a idéia da fundação da liga de futebol em meados de 1901. De conversa em conversa, Casimiro da Costa foi preparando o espírito da rapaziada para a primeira reunião. E com este incentivo, os clubes paulistanos se reuniram na noite de 13 de dezembro de 1901, por convocação pessoal do próprio Costinha, levada aos jornais, na sede do Inter-

manter essa liga? Com que dinheiro?" Costinha respondeu: — "Com organização, passando a cobrar entrada nos campos e, desse produto, 50% serão para o clube e 50% para a liga". E reforçou seus planos, mostrando os estatutos de entidades da Europa. Sua exposição causara efeito. Foram escolhidas para cores da nova entidade o preto, encarnado e branco. Compareceram à histórica reunião os seguintes representantes de clube: Antonio Casimiro da Costa e W. Holland, Antonio S. Queiroz e Tancredo Amaral, pelo Internacional; Charles Miller, H. J. Boyes e R. W. Crome, pelo São Paulo Athletic; Arthur Ravache Ritter e Hans Nobiling, pelo Germania; Belfort Duarte, Alício de Carvalho e Roberto Scholds, pelo Mackenzie; Otávio de Barros, Renato Miranda e João da Costa Marques, pelo Clube Atlético Paulistano.

Após essa reunião de 14 de dezembro, foi realizada outra, a 19 do mesmo mês, na qual foi efetuada a eleição da primeira diretoria que ficou assim constituída: presidente, Antonio Casimiro da Costa; vice-presidente, Hans Nobiling; secretário, Arthur Ravache; tesoureiro, Tancredo Amaral. Na mesma reunião foram tomadas medidas relativas à realização do primeiro campeonato paulista de futebol. Em plena reunião, Costinha prometeu que ofereceria o prêmio, ou seja, a taça para o campeonato, e que depois a liga denominou de Taça "Casimiro da Costa". No mesmo ano, Casimiro, com os irmãos Vanorden, Charles Miller, Oscar Cox (do Rio) e outros, deram início aos jogos paulistas-cariocas, que se realizaram em São Paulo, em outubro de 1901. Em maio de 1902, a Liga Paulista, sob a presidência de Casimiro da Costa, deu início ao seu campeonato. Já crescido, vários anos depois, o futebol paulista ficou sem o concurso do seu grande benemérito, pois Casimiro da Costa foi para a Inglaterra, voltando muitos anos após, já transformado em homem de negócios. Seu nome ficará ligado, para sempre, à história do futebol pátrio.

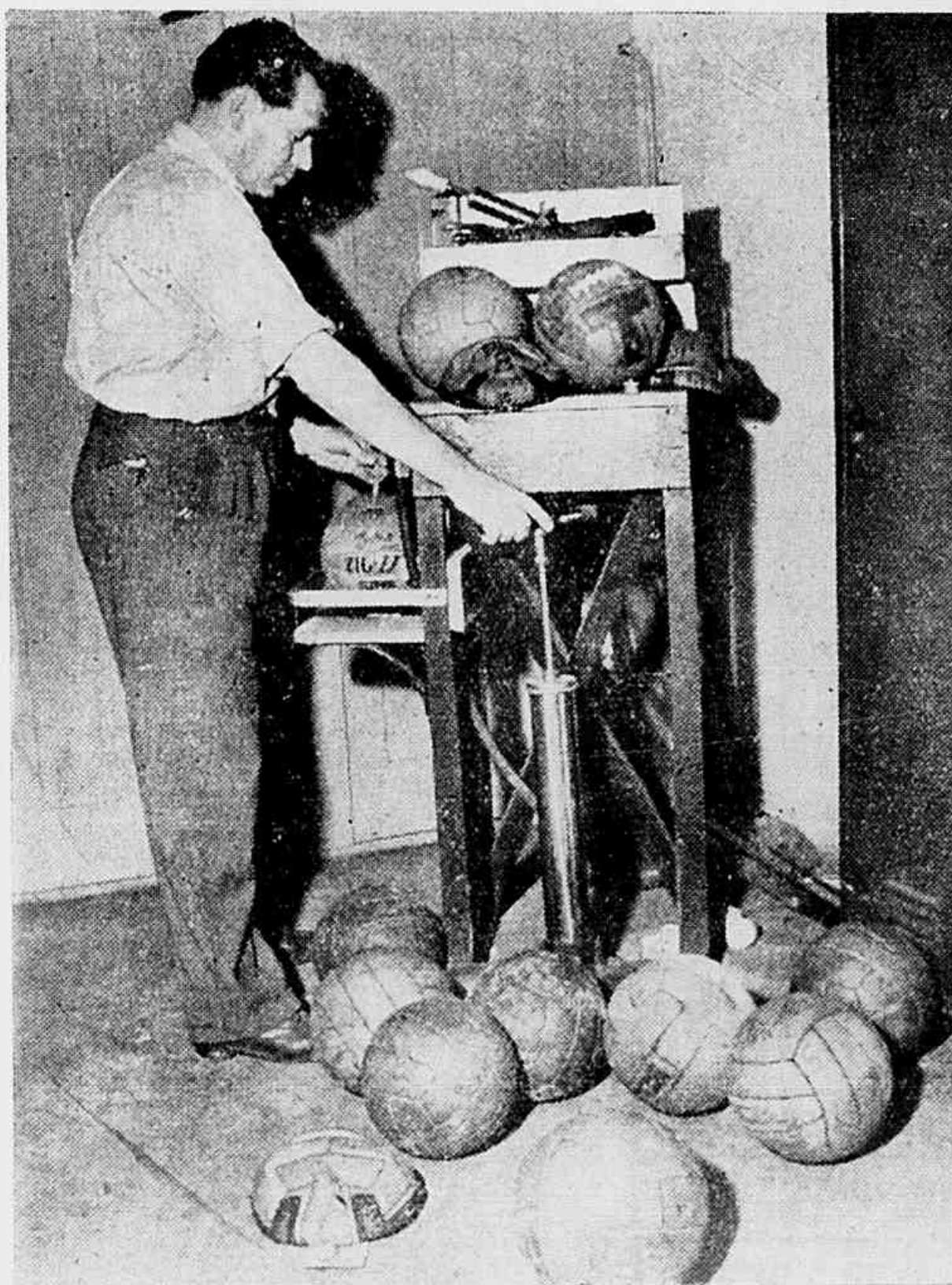


Antonio Casimiro da Costa, instituidor da primeira taça.

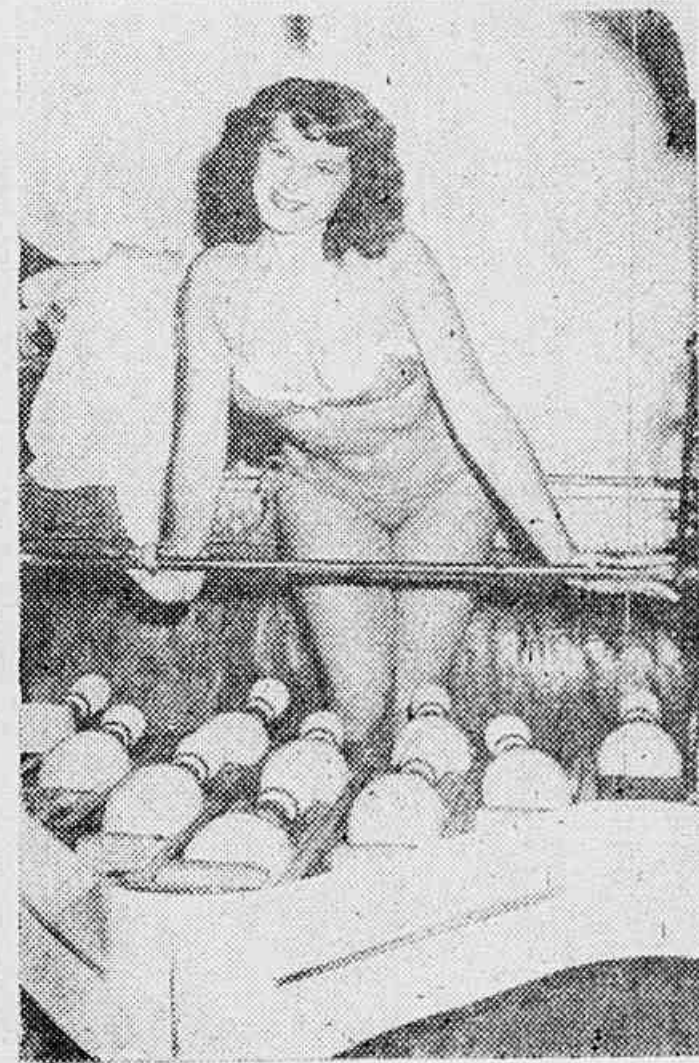
DA COSTA

OLIMPICUS

nacional, na rua José Bonifácio, esquina de São Bento. Mas por terem comparecido somente os representantes do Paulistano, Germania e Internacional, foi a reunião transferida para outro dia. Entretanto, Costinha aproveitou o momento para expor seus planos. Então um dos companheiros o interpelou assim: — "Mas, como vamos fundar isso? E como havemos de



O ARSENAL DE LONDRES — O clube mais bem organizado do mundo, no dizer dos próprios dirigentes, estende os seus cuidados aos menores detalhes que possam influir na eficiência dos seus jogadores. Fred Grosvenor, o funcionário que vemos nestas duas fotos, por exemplo, é o roupeiro do clube, e desincumbe-se dessa missão como um verdadeiro "técnico". Ele já foi jogador, e conhece bem os resultados negativos que podem produzir na atuação de um player uma chuteira, uma meia ou camisa mal tratada ou uma bola mal cheia. Graças a ele, os componentes do Arsenal desconhecem essas pequenas falhas que às vezes — quem sabe — são causas de contagens incompreensíveis.



ESPORTE E GLAMUR

BILHETES DO

CONCITA MARSICANO — João Pessoa — Paraíba — Infelizmente não podemos atender ao seu pedido, pois não dispomos de fotografias de times para ceder, nem para vender.

RUBENS FIGUEIREDO — Cidade do Rio Grande — R. G. Sul — 1) — O Palmeiras foi campeão paulista nos seguintes anos: 1920, 1926, 1927, 1932, 1933, 1934, 1936 e 1940, ainda com o nome de Palestra Itália e 1942, 1944, 1947 e 1950 com o nome de Palmeiras. 2) — Heleno de Freitas não chegou a jogar como profissional no Fluminense. Jogou como juvenil de half esquerdo e center-forward e como amador, de center, sendo inclusive campeão carioca de 1939 nessa categoria. 3) — No ano de 1936 o Fluminense foi campeão da cidade na Liga Carioca de Futebol e o Vasco foi campeão na Federação Metropolitana de Desportos. Na primeira (LCF) competiam com o Fluminense o Flamengo, América, Bonsucesso, Portuguesa e Jequiá. Na segunda (FMD) competiam com o Vasco o Botafogo, Bangu, Madureira, São Cristóvão, Andaraí e Olaria. 4) — O Boca e o River Plate são os clubes que têm maior número de campeonatos na Argentina. 5) — No Uruguai os donos dos campeonatos são o Nacional e o Penarol.



ADÃOZINHO, pelo leitor Francisco Humberto Perrelli, de Maceió.

OSWALDO QUEIROZ — Rio de Janeiro — 1) — Adãozinho está na idade média do time do Flamengo, pois tem 26 anos e meio. Adãozinho nasceu a 2 de abril de 1925 em Porto Alegre. 2) — Hermes tem 26 anos. Rubens 23 e Pavão 22 e meio. 3) — Dos veteranos do time, sem contar com Newton que é reserva, o mais velho é Biguá, atualmente com 30 anos e meio.

ALVARO GUMARAES — Realengo — D. Federal — 1) — O time do Botafogo, campeão de 1948, contou com estes valores: Oswaldo — Gerson e Santos — Rubinho, Ávila e Juvenal — Paraguaio, Geninho, Pirilo, Otávio e Braguinha. Jogaram também Sarno, Marinho, Zezinho e Nilton (center-half que havia pertencido ao Madureira). 2) — No jogo final e decisivo do campeonato o Botafogo derrotou o Vasco por 3 a 1. O Vasco ficou em segundo lugar, dois pontos atrás. Se vencesse o jogo teria empatado o campeonato.

Querendo dar um toque de sensação à inauguração da sua casa de "bowling", um comerciante americano lembrou-se que o encanto feminino nunca falha quando se trata de atrair marmanjos, e convidou a duas das mais famosas (e belas, sem dúvida) "pin-ups" de Hollywood para servirem de "hostess" aos praticantes do mais popular sport dos Estados Unidos. A idéia deu bons resultados, e a explicação está nas fotos aqui reproduzidas.

Dr Milton de Almeida
OUVIDOS · NARIZ · GARGANTA

DIAGNÓSTICOS · TRATAMENTOS · OPERAÇÕES

3^{AS} 5^{AS} SABADOS - 15 as 19 HORAS
LARGO CARIOCA, 5-1º and. SALA 101
TEL. 22-0707 e 46-2317

BILHETES DO

LEITOR De CARLOS AREAS

CONCITA MARSIANO — João Pessoa — Paraíba — Infelizmente não podemos atender ao seu pedido, pois não dispomos de fotografias de times para ceder, nem para vender.

RUBENS FIGUEIREDO — Cidade do Rio Grande — R. G. Sul — 1) — O Palmeiras foi campeão paulista nos seguintes anos: 1920, 1926, 1927, 1932, 1933, 1934, 1936 e 1940, ainda com o nome de Palestra Italia e 1942, 1944, 1947 e 1950 com o nome de Palmeiras. 2) — Heleno de Freitas não chegou a jogar como profissional no Fluminense. Jogou como juvenil de half esquerdo e center-forward e como amador, de center, sendo inclusive campeão carioca de 1939 nessa categoria. 3) — No ano de 1936 o Fluminense foi campeão da cidade na Liga Carioca de Futebol e o Vasco foi campeão na Federação Metropolitana de Desportos. Na primeira (LCF) competiam com o Fluminense o Flamengo, América, Bonsucesso, Portuguesa e Jequiá. Na segunda (FMD) competiam com o Vasco o Botafogo, Bangu, Madureira, São Cristóvão, Andaraí e Olaria. 4) — O Boca e o River Plate são os clubes que têm maior número de campeonatos na Argentina. 5) — No Uruguai os donos dos campeonatos são o Nacional e o Penarol.



ADÃOZINHO, pelo leitor Francisco Humberto Perrelli, de Maceió.

OSWALDO QUEIROZ — Rio de Janeiro — 1) — Adãozinho está na idade média do time do Flamengo, pois tem 26 anos e meio. Adãozinho nasceu a 2 de abril de 1925 em Porto Alegre. 2) — Hermes tem 26 anos. Rubens 23 e Pavão 22 e meio. 3) — Dos veteranos do time, sem contar com Newton que é reserva, o mais velho é Biguá, atualmente com 30 anos e meio.

ALVARO GUIMARAES — Realengo — D. Federal — 1) — O time do Botafogo, campeão de 1948, contou com estes valores: Oswaldo — Gerson e Santos — Rubinho, Avila e Juvenal — Paraguaio, Geninho, Prilo, Otavio e Braguinha. Jogaram também Sarno, Marinho, Zezinho e Nilton (center-half que havia pertencido ao Madureira). 2) — No jogo final e decisivo do campeonato o Botafogo derrotou o Vasco por 3 a 1. O Vasco ficou em segundo lugar, dois pontos atrás. Se vencesse o jogo teria empatado o campeonato.

BELINHA GONÇALVES — Rio de Janeiro — 1) — Lafayette Costa, nascido a 1.º de fevereiro de 1930, são os dados pedidos sobre o zagueiro tricolor. 2) — Não temos fotografias de Castilho. Mas a senhorita pode escrever para o mesmo — Carlos José de Castilho — rua Mario Postela 85 — Concentração do Fluminense — e fazer o seu pedido. 3) — Sem nenhum compromisso e a senhorita poderá discordar à vontade, poderemos citar esta seleção atual: Castilho — Biguá e Pinheiro — Rubens, Ruairinho e Santos — Joel, Zezinho, Carlyle, Orlando e Nivio. Procuramos atender à forma atual dos jogadores e à maneira de jogar de todos. Por isso Santos, back esquerdo oficial do Botafogo, aparece nesta seleção como half esquerdo, mas com a mesma função que seria a de marcar o ponteiro direito adversário.

NELSON JULIO DA SILVEIRA — Juiz de Fora — Minas — 1) — Dimas jogava no Esporte Clube Juiz de Fora, quando veio para o Vasco, mas nasceu em Divinópolis. 2) — Heleno não é de São João del Rey, mas sim de São João Nepomuceno. 3) — Aluisio é realmente de Juiz de Fora.

ALMIR GOMES — Olaria — Rio de Janeiro — 1) — O gol da vitória do Olaria no match em que venceu o Flamengo por 1x0, na Gávea, foi assinalado por Spinelli, o antigo center-half que naquela partida atuou na meia direita. 2) — Os placards do Olaria nos jogos com o Botafogo, Vasco e Bangu, desde que voltou à divisão principal foram estes: Com o Botafogo:

NOVO BARCO DE TREINAMENTO — Com fogos de artifício, banda de música e sandwiches, a Universidade de Oxford lançou um novo tipo de barco de treinamento para os seus famosos remadores. Medindo 46 pés de comprimento, tem uma prancha ao centro que permite ao "coach" andar com segurança de ponta a ponta do barco, para corrigir e orientar os remadores. Nas gravuras, o barco ao deixar o cais sob as vistas da multidão e em pleno rio, tripulado por dezoito remadores. (Fotos Keystone, especial para O GLOBO SPORTIVO)

1947 — Botafogo 1 x Olaria 0 e Olaria 3 x Botafogo 2; 1948 — Botafogo 6 x 1 e Botafogo 4x3. 1949 — Botafogo 4x0 e Olaria 3x1. 1950 — Olaria 5x0 e Botafogo 7x2. 1951 — Empate 1x1 e Botafogo 4x1. Com o Vasco: 1947 — Empate 3x3 e Vasco 2x0. 1948 — Vasco 3x2 e



GRINGO, desenho do leitor Danton Barbosa, de Vitória, Espírito Santo.

Vasco 5x1. 1949 — Vasco 3x0 e Vasco 5x2. 1950 — Vasco 3x1 e Vasco 4x0. 1951 — Vasco 1x0 e Olaria 2x1. Com o Bangu: 1947 — Olaria 8x3 e Olaria 1x0. 1948 — Bangu 5x1 e Bangu 2x1. 1949 — Bangu 3 a 0 e Bangu 2x1. 1950 — Bangu 2x0 e Bangu 3x1. 1951 — Bangu 2x0 (só primeiro turno). 3) — Os seus desenhos de Zezinho e Didi ficaram na fila para publicação oportuna. Mas os de Barbosa, Santos, Orlando e Matias Gonzales foram rejeitados.

JOAO NASCIMENTO — Cuiabá — Mato Grosso — 1) — Paraguaio é matogrossense, tendo nascido no município de Campanario, no antigo território de Ponta Porã. 2) — O quiper Yustrich também é natural de Mato Grosso.

ELMO ALMEIDA FABRES — Porto Alegre — R. G. Sul — 1) — A moça loura que acompanhava o "batalhão" de fotógrafos na Copa do Mundo era fotógrafa também, profissional, do jornal "A Epoca", de São Paulo. 2) — Muito obrigado pela sugestão, mas não somos de fotografias...

ALFREDO DA COSTA BRAGA — Niterói — E. do Rio — 1) — Ondino Viera está no Brasil desde outubro de 1938. Começou no Fluminense, passando-se depois para

o Vasco, a seguir para o Botafogo, voltou ao Fluminense e por último ingressou no Bangu. 2) — Almore estreou como técnico no Olaria, depois ingressou no Bangu, mais tarde passou-se para o São Cristóvão e agora está no Santos F. Clube.

JOSÉ CAETANO DOS SANTOS — Recife — Pernambuco — Já tivemos oportunidade de responder a outro leitor sobre o mesmo assunto. Quando citamos o Esporte e o Náutico como os clubes pernambucanos mais populares, queríamos nos referir a essa popularidade aqui no Rio de Janeiro. Não duvidamos que aí em Recife o Santa Cruz seja até o mais popular. Mas aqui na Capital Federal os mais conhecidos, os de maior projeção, são o Esporte e o Náutico.

ALOISIO PROVENZANO — Rio de Janeiro — O seu desenho de Rubens está bom, mas acontece que veio feito a lapis-tinta e não dá clichê bom, por isso tivemos que rejeitá-lo. Mas o senhor pode-



ADEMIR, desenhado pelo leitor Daniel Cruz, desta Capital.

rá tentar fazer o mesmo desenho a nankin, na certeza então de que será publicado.

FERNANDO J. SILVA — Recife — Pernambuco — 1) — Não podemos informar à sua primeira pergunta, mesmo porque não temos a nossa disposição a folha de pagamento da revista. 2) — Quanto ao segundo pedido atenderemos no bilhete abaixo. 3) — Na fila para publicação oportuna os desenhos e caricaturas de Maneco, Ademir, Tíjolo e Jaime.

Uma cousa...



...exige outra



Pólvilla Antisséptico GRANADO

Texto de JOSE LUIZ PINTO



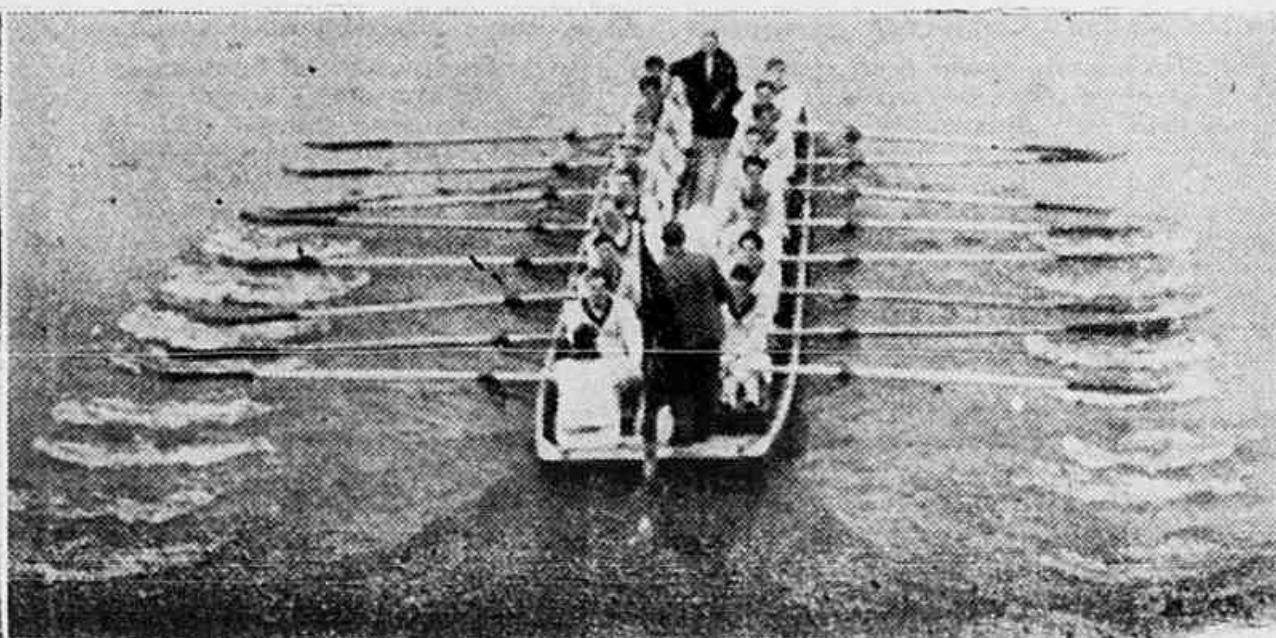
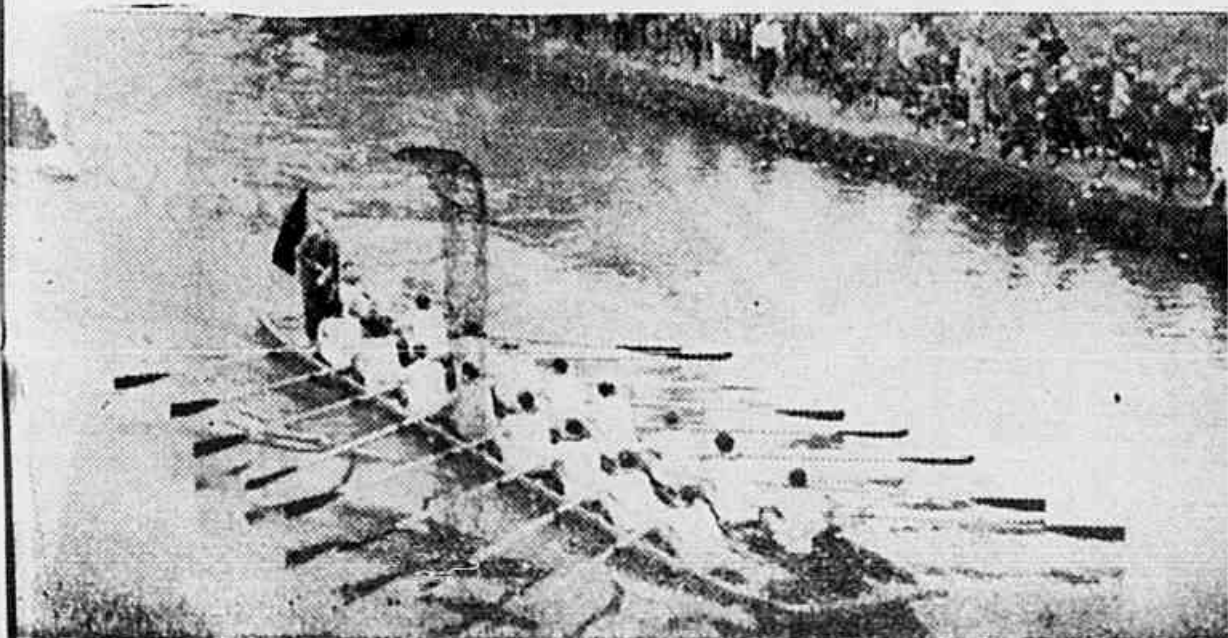
detalhe de terminologia, para falar de tudo, isto é, no jogador que reúne tais de o situar muito acima do padrão no futebol. Carlyle não pode ser considerado ele tem defeitos. Mas se esses jogador vulgar em outra qualquer posição isso passa a ser relativo. O dia que ele seu próprio jogo, certamente sua atualidade é que essa não é a função do car a defesa contrária, tem que "abrir" ele próprio ou para seus companheiros outros se incumbam de trazer a bola a excelência. E quando isso acontece, em jogador. Por suas características de centivo, poucos zagueiros têm conseguido bre ele, e quando isso acontece, mesmo jeito de empurrar a bola na brecha pa pre foi o jogo de Carlyle, as suas cara quando o Fluminense o foi buscar em mudou nada como jogador. Mudou, is ainda neste ano de cinquenta e um y em que Carlyle era muito outro do qu

FÉRIAS POR CONTA

NÃO é segredo que Flávio Costa deixou a lição por achá-lo demasiado insubordinado quanto Heleno. E a verdade é que Heleno, com vontade de ser igual a ele, a que cercava o comandante do scratch brasileiro foi tomado a sério. Suas encrenhas faziam defeitos e ele custou a ver que Heleno poderia ser superior. Mas a coisa prosseguiu e, ainda hoje era dado como caso perdido no Fluminense que ele resolveu tirar férias por conta própria, nem por isso Carlyle achou-se obrigado a abandonar o clube. Mudou de residência de repente, se não aparecia no clube nem era visto nos dias da turma tricolor. O caso foi noticiado e a imprensa com seus dias contados nas Laranjeiras sejo de "férias" e o comandante, da mesma maneira, um belo dia entrou dando bom dia a Heleno, mais houvesse. Aliás isso em Carlyle não aconteceu vez que tal acontece. E como dado em sessenta por cento dos vencimentos do ano os portões de Alvaro Chaves, mais a punição pelo inconcebível procedimento, a partir da sua regeneração. Dito isto, foi o clube a regeneração, com sérias recomendações.

GANHOU CARLYLE E

SERIA mais uma experiência, embora a regeneração anunciada. Carlyle continuou a aparecer até com um corte de cabelo e apensu um penachinho de cabelo



Texto de
JOSE LUIZ
PINTO

A TRANSFORMAÇÃO de CARLYLE

FÉRIAS POR CONTA PRÓPRIA — GANHOU CARLYLE E O FLUMINENSE — NO ANO EM QUE TUDO DÁ CERTO



Carlyle gosta dos lances espetaculares, tanto nos gramados como nas praias...

NÃO se pode afirmar em sã consciência que Carlyle seja um craque na verdadeira acepção da palavra. Aliás a concepção atual de craque está bem alterada atualmente, pois é quase sinônimo de jogador. Mas esqueceremos aqui esse

detalhe de terminologia, para falar de craque no verdadeiro sentido, isto é, no jogador que reúne tais predicados técnicos, capazes de o situar muito acima do padrão normal dos que apenas jogam futebol. Carlyle não pode ser considerado craque, porque tecnicamente ele tem defeitos. Mas se esses defeitos o tornariam um jogador vulgar em outra qualquer posição, como centro-avante tudo isso passa a ser relativo. O dia que ele tiver necessidade de armar seu próprio jôgo, certamente sua atuação será sofrível, mas a verdade é que essa não é a função do comandante. Ele tem que forçar a defesa contrária, tem que "abrir" a area, fazer caminho para ele próprio ou para seus companheiros, e para isso é preciso que outros se incumbam de trazer a bola até à sua zona de ação por excelência. E quando isso acontece, então Carlyle é um grande jogador. Por suas características de centro-avante impetuoso e agressivo, poucos zagueiros têm conseguido uma marcação eficiente sobre ele, e quando isso acontece, mesmo assim Carlyle ainda arranja jeito de empurrar a bola na brecha para outro atacante. Esse sempre foi o jôgo de Carlyle, as suas características são as mesmas de quando o Fluminense o foi buscar em Belo Horizonte. Carlyle não mudou nada como jogador. Mudou, isso sim, como profissional, e ainda neste ano de cinquenta e um podemos apontar uma época em que Carlyle era muito outro do que é hoje. Senão, vejamos:

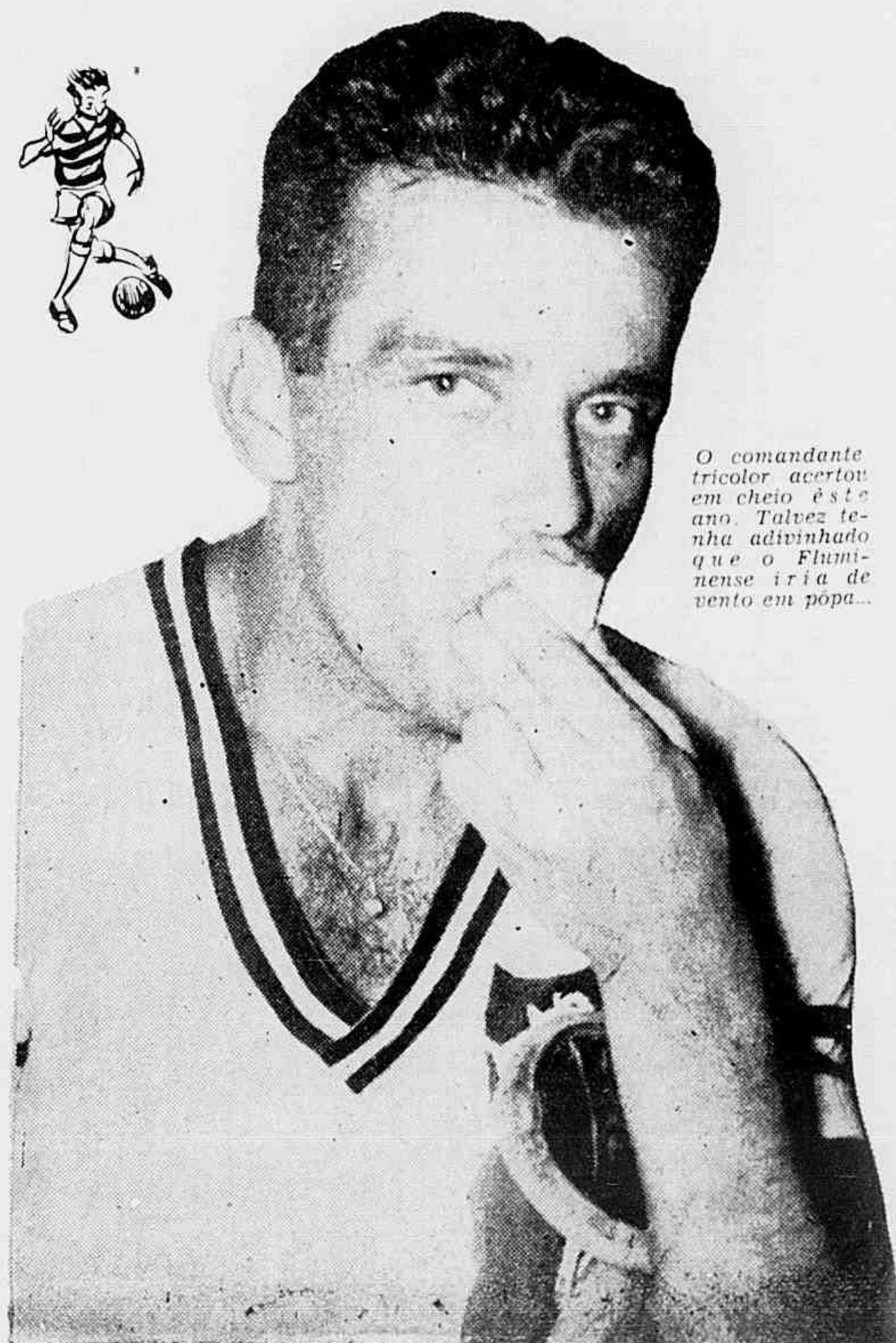
FÉRIAS POR CONTA PRÓPRIA

NÃO é segredo que Flávio Costa deixou de convocar Carlyle para a seleção por achá-lo demasiado insubordinado, elemento tão perigoso quanto Heleno. E a verdade é que ele já veio de sua terra admirando Heleno, com vontade de ser igual a ele, adorando aquele cartaz negativo que cercava o comandante do scratch brasileiro. E por isso Carlyle nunca foi tomado a sério. Suas encrencas faziam aparecer ainda mais os seus defeitos e ele custou a ver que Heleno pôde manter-se em atividade durante muitos anos, com gênio e tudo, porque a qualidade de seu futebol era superior. Mas a coisa prosseguiu e, ainda no princípio deste ano, Carlyle era dado como caso perdido no Fluminense. Houve até um tempo em que ele resolveu tirar férias por conta própria. Preso a um contrato, nem por isso Carlyle achou-se obrigado a dar qualquer satisfação ao clube. Mudou de residência de repente, sem avisar e ninguém mais o viu. Não aparecia no clube nem era visto nos pontos de frequência habituais da turma tricolor. O caso foi noticiado e tudo indicava que Carlyle estaria com seus dias contados nas Laranjeiras. No entanto passou o desejo de "férias" e o comandante, da mesma forma que desaparecera do clube, um belo dia entrou dando bom dia ao porteiro, como se nada de mais houvesse. Aliás isso em Carlyle não é inédito, pois já se trata da terceira vez que tal acontece. E como das outras vezes Carlyle fora multado em sessenta por cento dos vencimentos mensais, quando transpôs este ano os portões de Alvaro Chaves, mais ou menos já sabia o que o esperava. Carlyle tem recursos próprios e quando foi cientificado da nova punição pelo inconcebível procedimento, prometeu que daí em diante traria da sua regeneração. Dito isto, foi remetido ao campo para reiniciar o treinamento, com sérias recomendações a Zezé Moreira.

GANHOU CARLYLE E O FLUMINENSE

SERIA mais uma experiência, embora muita gente não acreditasse na regeneração anunciada. Carlyle continuava com seu jeito estabonado e apareceu até com um corte de cabelo incrível, a cabeça toda raspada e apenas um penachinho de cabelo ao alto. Mas os treinos proce-

guiam e Zezé Moreira sempre apertando o jogador, a cada atitude menos própria do craque. Assim assistimos de uma feita, durante um treino, uma reprimenda do técnico, que o jogador aceitou sem discussão. Carlyle treinava com afinco, quando a certa altura tirou uma chuteira, alegando que estava machucando o pé, insistindo em treinar com um pé descalço... Zezé ordenou que Carlyle calçasse a chuteira e foi prontamente obedecido. Esse foi um dos tantos episódios que Carlyle viveu nas Laranjeiras e que serviram para mostrar a força do seu desejo de recuperação. Não sabemos se a influência da disciplina imposta pelo técnico, ou se mesmo a vontade de jo-



O comandante tricolor acertou em cheio este ano. Talvez tenha adivinhado que o Fluminense iria de vento em pópa...



A cerca não é lugar apropriado para Carlyle. Ele é indispensável em campo. A seu lado, o Dr. Paes Barreto, do Dep. Médico do Fluminense



Na forma que ostenta atualmente, Carlyle é difícil de ser marcado. Clarel não conseguiu dominá-lo, e, no Fla-Flu, embora Pavão tenha dificultado muito a sua tarefa, ainda assim Carlyle teve parte importante na jogada que terminou no pé de Orlando e nas redes do Flamengo

gador. O fato é que aos poucos o comandante voltou a atuar tecnicamente dentro das suas possibilidades e, começado o campeonato, ele apareceu como chefe do ataque tricolor, entrando logo a destacar-se como um bom elemento da ofensiva. A princípio ainda muita gente achou que Carlyle continuava apenas mediocre, com aquela mesma facilidade de cair, quando era preciso decidir a jogada. Mas aos poucos foi se dissipando essa descrença no comandante, que aos primeiros gols marcados logo ganhou um volume de jogo apreciável, firmando-se na ponta da tabela dos artilheiros do campeonato carioca. Com isso ganhou o Fluminense um center-forward capaz de resolver o problema da posição, e o próprio jogador ganhou, subindo extraordinariamente no conceito geral, aparecendo como jogador de utilidade para o futebol brasileiro.

NO ANO EM QUE TUDO DÁ CERTO

ESTE ano de cinquenta e um parece ser o ano do Fluminense, tal o número de bons resultados obtidos pelo grêmio tricolor. E por sinal parece que Carlyle adivinhou que teria a sua grande chance no Fluminense este ano, e assim como parecia haver terminado para o futebol, após a temporada dos ingleses, abriu os olhos e viu no futuro. E quando resolveu mudar, ser outro Carlyle, ele acertou em cheio. Viu o seu clube subindo sempre no certame da cidade, e ele próprio alcançou um nível de produção como não tem exemplo em sua carreira profissional. Carlyle não é só o artilheiro do campeonato, é ainda o homem que tem marcado gols sensacionais, que tem sabido dismantelar as defesas. Há os que fazem restrições às suas qualidades técnicas, mas o fato é que Carlyle sabe fazer o necessário para abalar qualquer grande defesa, e a par disso, está nestes dias que correm com uma visão magnífica do arco. Por tudo isso é que Carlyle não é o mesmo. É muito diferente do jogador irregular e mesmo irresponsável que andava pelas Laranjeiras. Se conseguir manter esse mesmo ritmo de produção, cuja tendência será sempre a melhoria técnica, poderá vir a ser o elemento indicado para o comando da ofensiva brasileira nos próximos selecionados. É claro que a vaga ainda pertence a Ademir, tão pronto se restabeleça, mas Carlyle será seguramente o seu sucessor, pois que, até o momento não há outro comandante com a impetuosidade do artilheiro tricolor.



Carlyle é o artilheiro do campeonato

Ontem querendo imitar Heienno; hoje, esquecido disso, é realmente um jogador de grande utilidade ao quadro



O GLOBO SPORTIVO

Revista semanal — Redação e Administração: Rua Itapiru, 1209 — Rio de Janeiro — Brasil — Caixa Postal 4602 — End. Telefônico: "Globojuvenil" — Tel. 48-6287 — Direção de ROBERTO MARINHO e MARIO RODRIGUES FILHO — Superintendente: HENRIQUE TAVARES — Gerente: RUBENS DE OLIVEIRA — Secretário: ARTHUR THOMAZI — Serviço fotográfico de: INDAIASSU LEITE — e colaboração dos ilustradores: OTELO e GUTEMBERG — Número avulso: Cr\$ 3,00 — Assinaturas — para todo o país — porte registrado: anual Cr\$ 170,00 —

A RODADA encerrou mais uma surpresa, que foi a derrota do América frente ao Bonsucesso, sendo que a derrota do vice-líder alterou fundamentalmente o panorama das colocações, ensejando ao Fluminense uma vantagem de três pontos na frente do segundo, que continua sendo o Bangu. A colocação, por pontos perdidos, é a seguinte: 1.º Fluminense, com quatro; 2.º Bangu, com sete; 3.º — Botafogo, com oito; 4.º — Vasco, com doze; 5.º — Flamengo e América, com treze; 6.º — Olaria, com dezessete; 7.º — São Cristóvão, com dezenove; 8.º — Bonsucesso, com vinte e três; 9.º — Madureira, com vinte e cinco; 10.º — Canto do Rio, com vinte e nove. Os marcadores de gols da rodada foram os seguintes: Botafogo 2 (Braguinha) x Bangu 1 (Zizinho); Fluminense 2 (Carlyle e Telê) x Olaria 1 (Jair); São Cristóvão 4 (Cunha 2, Carlinhos e Jordan) x Madureira 1 (Genuino); Bonsucesso 3 (Simões) x América 2 (Nivaldino e Dimas); Vasco 3 (Jansen 2 e Edmur) x C. do Rio 2 (Clarel contra e Emanuel). O líder dos artilheiros continua sendo o Carlyle, com 20 gols, seguido de Simões, com 14; Nívio, com 12; Joel (Bangu), Dimas e Zizinho, com 10; Ariosto, Hermes e Edmur, com 7; Moacyr Bueno, Joel (Fluminense), Índio, Orlando, Friaça e Osvaldinho, com 6; Nonô, Maneca, Tesourinha, Washington, Geraldinho e Pirilo, com 5; Didi, Tanzi, Walter, Telê, Braguinha, Lima,

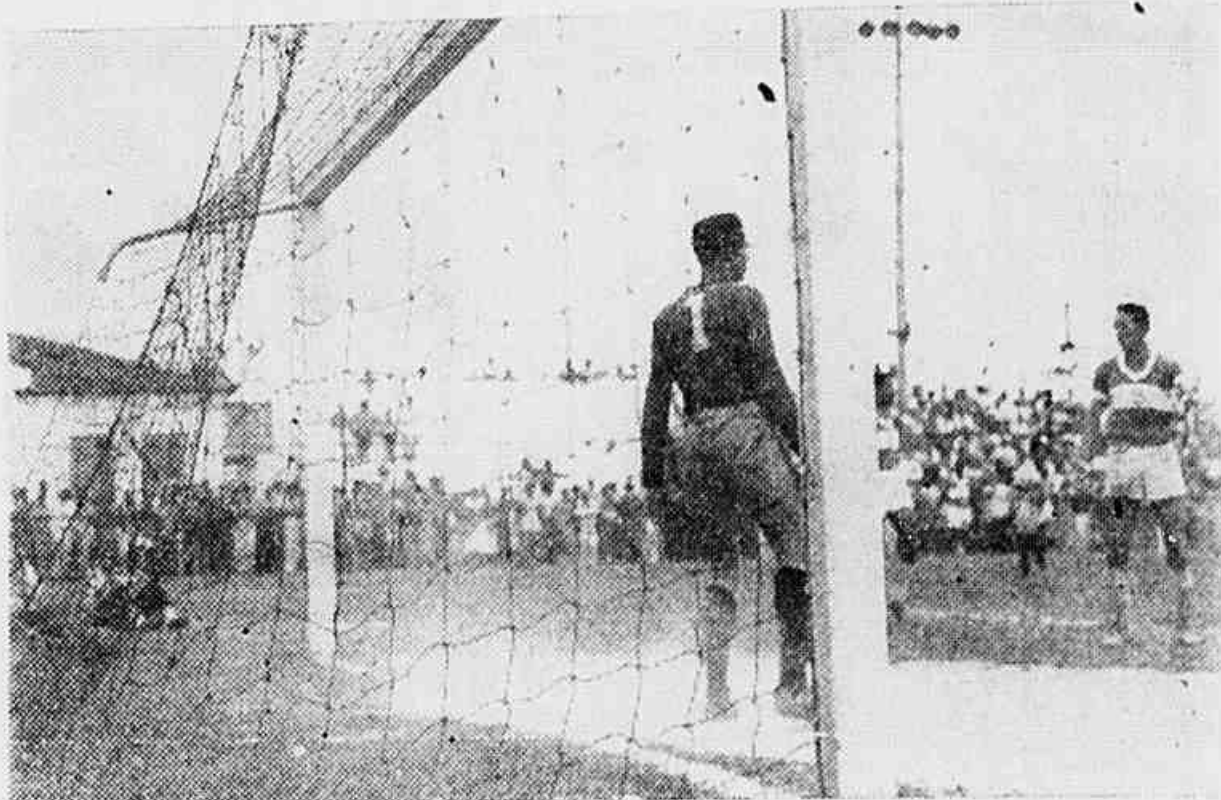
OS OUTROS JOGOS

Cidinho, Ivan, Esquerdinha (Flamengo), com 4, e outros com menos. As arrecadações da rodada foram as seguintes: Botafogo x Bangu — Cr\$ 425.342,00; Olaria x Fluminense — Cr\$ 154.053,00; Canto do Rio x Vasco — Cr\$ 47.845,00; América x Bonsucesso — Cr\$ 13.250,00; São Cristóvão x Madureira — Cr\$ 9.930,00, dando o total de Cr\$ 650.420,00. Até à última rodada, o campeonato já rendeu Cr\$ 16.792.525,00. Para efeito do Torneio Rio-São Paulo, é a seguinte a classificação das arrecadações: 1.º — Flamengo — Cr\$ 3.454.667,50; 2.º — Fluminense — Cr\$ 3.423.532,50; 3.º — Vasco — Cr\$ 2.931.190,50; 4.º — Botafogo — Cr\$ 1.760.017,00; 5.º — Bangu — Cr\$ 1.565.828,00; 6.º — América — Cr\$ 1.407.218,00. O Fluminense continua na frente, como artilharia mais positiva, com um total de 43 gols, seguido do Bangu, com 40; do América, Botafogo e Vasco, com 30; do Olaria, com 28; do Flamengo, com 26; do Bonsucesso, com 24; do São Cristóvão, com 22; do Madureira, com 18; e do Canto do Rio, com 13. A defesa menos vasada é a do Botafogo, com 14 gols, e a mais vasada é a do Canto do Rio, com 46 gols. Marcaram gols contra: Weber, Waldir, Lamparina, Olavo, Mendonça, Gilberto, Bulau, Moacyr e Clarel.

NA CAPA

GARCIA — O goleiro paraguaio Garcia continua sendo um dos bons elementos do time rubro-negro. Algumas vezes ele tem sido responsabilizado por um ou outro "frango", mas ainda assim a privilegiada situação da retaguarda flamenga no campeonato carioca é a prova de que o arqueiro tem sido um dos pontos altos da equipe.

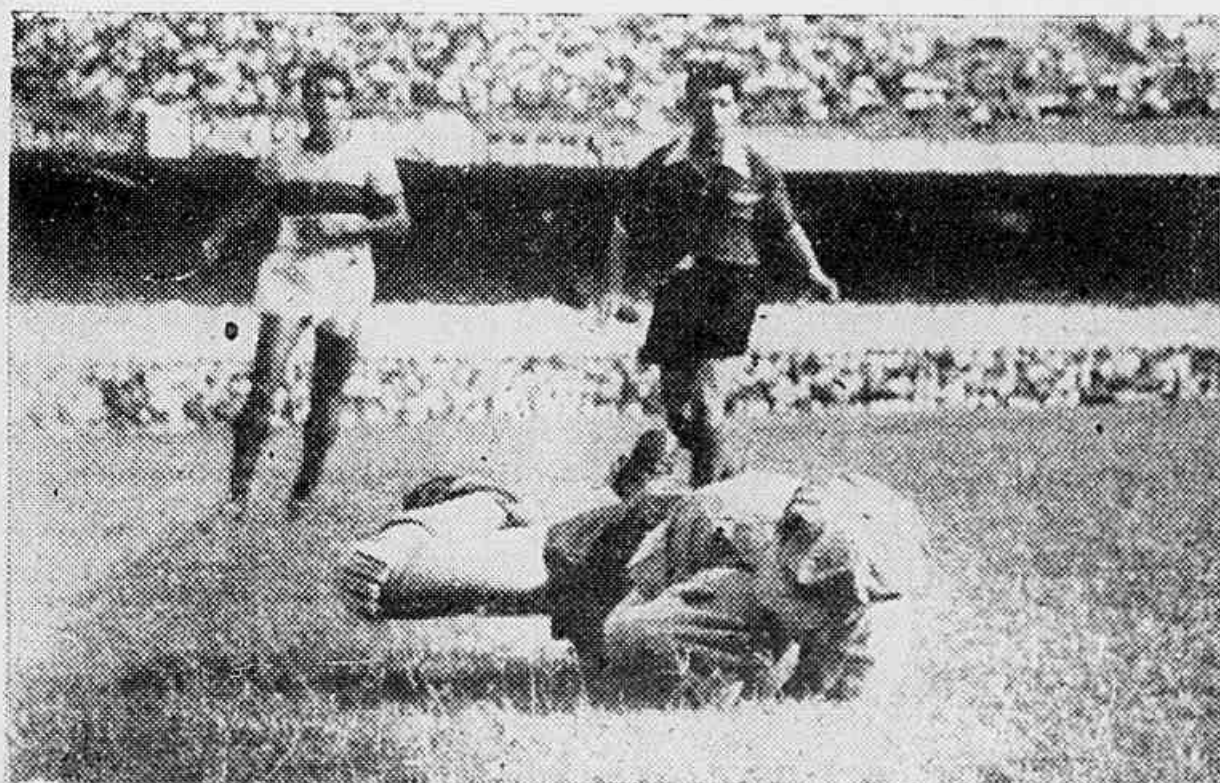
MAIS PERTO



O Olaria fez valer a sua condição de quadro perigoso, dando um susto tremendo nos tricolores, que muito tiveram que lutar para deixar a rua Bariri com a vitória. O marcador foi de 2x1, e diz bem o que foi o esforço do Fluminense, que chegou a ter contra si 1x0, logo no princípio do segundo tempo, após uma fase inicial sem gols. No clichê, Itagoré vencido no primeiro gol do Fluminense, de autoria de Carlyle.



Durou pouco, entretanto, o descontrole tricolor, pois o quadro logo se recuperou e voltou a martelar o arco de Itagoré. O gol do empate surgiu onde minutos depois, e mais dez minutos Telê marcava o gol da vitória. Alívio dos tricolores, mas que durou pouco, porque o Olaria foi para a frente, forçando a retaguarda tricolor, que teve de se defender nos últimos quinze minutos, para manter o resultado de 2x1. No clichê, Carlyle, disputando uma bola alta.



CONFRATERNIZAÇÃO DE GOLS... — Flamengo e Independente fizeram um internacional que positivamente não agradou, pela fraqueza com que se houveram as retaguardas, deixando passar, cada qual cinco bolas... No clichê uma defesa de Simonetti, de um chute de Hermes.

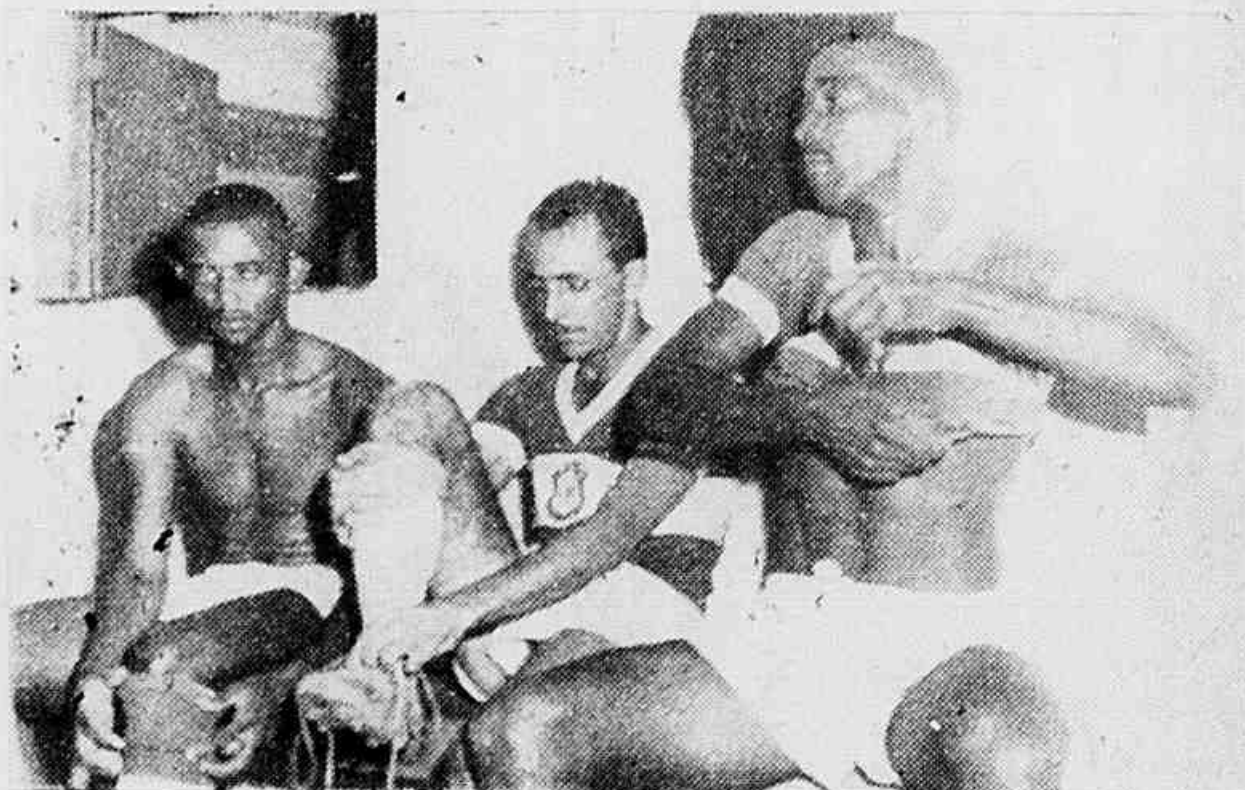


No entanto, a partida teve dois pontos altos, atuações mesmo brilhantes, que foram a da linha atacante do quadro portenho e o desempenho individual de Adãozinho. No clichê o momento exato em que Garcia agarrou uma bola chutada por Ormarini.

DO TÍTULO O FLUMINENSE



Mas apesar do marcador nulo da primeira fase, poderia o tricolor decidir a partida, tal o volume de jogo produzido. Os tricolores chegaram a dominar francamente as ações e tiveram três oportunidades de fazer gol, mas este não veio nessa etapa. No clichê o segundo gol do Fluminense, marcado por Telê, de um chute rasteiro no canto, da altura da pequena area, que Itagorê não conseguiu deter.



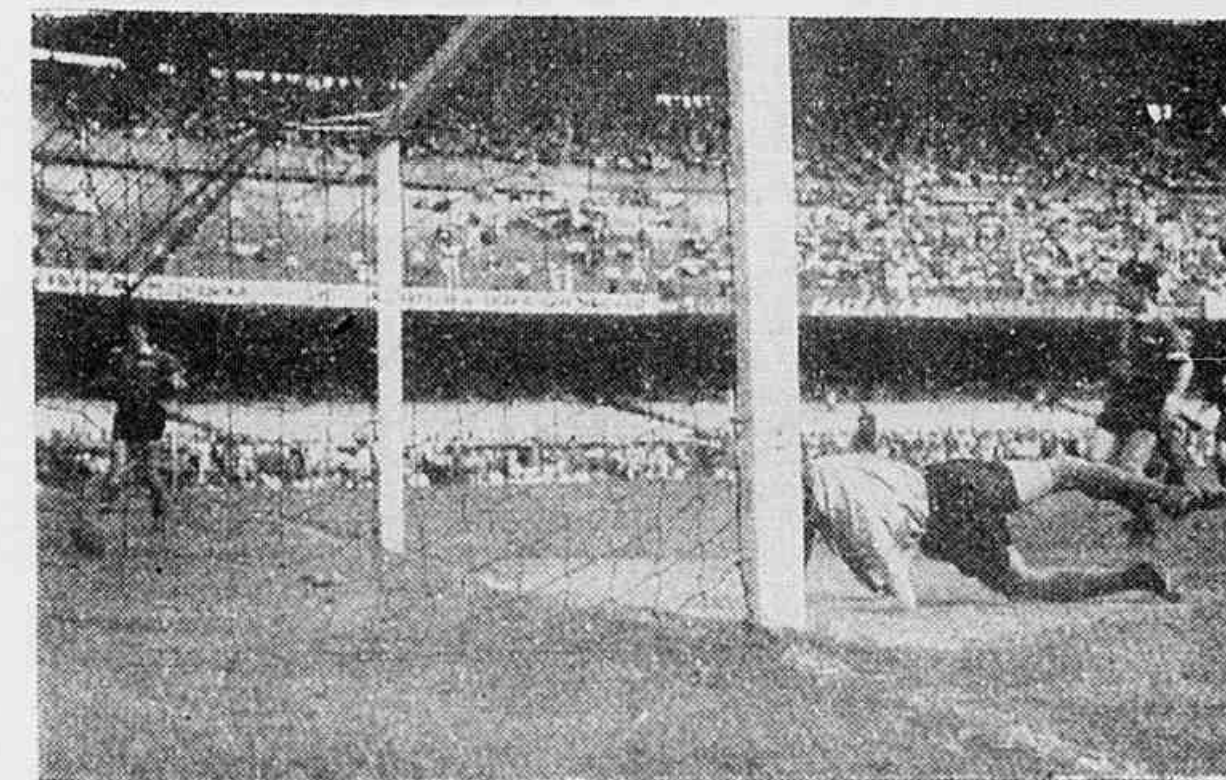
Mas, ainda sob o domínio tricolor, o Olaria lutou muito, lutou defendendo-se, e sempre procurando uma oportunidade para ir até ao arco de Castilho. E no segundo tempo, aos dez minutos, um ataque desses surtiu efeito e a contagem foi aberta por Jair, deixando o quadro tricolor desorientado. Depois disso insistiu fortemente o quadro leopoldinense e quase amplia a contagem. No clichê, três do Olaria: Olavo, Esquerdinha e Maxwell.



Mas tudo acabou bem, ficando a certeza de que o Fluminense estranhou o gramado do Olaria, já que as suas dimensões não permitiram a prática dos passes longos, como de hábito, isso além de ser péssimo o estado do campo. Mas embora tecnicamente sem o brilho dos últimos jogos, foi o líder um quadro lutador, que soube decidir a luta nos seus momentos mais difíceis. No clichê Lafayette e Pinheiro em ação.



O Fluminense contou com Castilho em boa forma. Pindaro foi superior a Pinheiro. Vitor, Edson e Lafayette formaram uma boa intermediária. Didi e Telê sentiram o terreno. Orlando muito bom e Carlyle em plena forma. Quincas regular. No Olaria os melhores foram Job, Ananias, Maxwell e Jair. No clichê os tricolores no vestiário, após o jogo, chupando laranjas para acalmar as emoções da luta.



Os marcadores do Flamengo foram Esquerdinha, Hermes, marcando dois a zero, e novamente Hermes, depois que o Independente empatou, e Adãozinho aumentando para quatro a dois. No clichê um lance que deu impressão de gol, mas a bola bateu nas rédes por fora do arco platino.



No segundo tempo, o Independente chegou a empatar e marcar o quinto gol, sendo que Adãozinho empatou aos 40 minutos, em impedimento. Os gols argentinos foram marcados por Ormarini (3), e Seconato (2). No clichê uma jogada do espetacular Ormarini, que venceu Garcia, mas não conseguiu dominar a bola.

OS QUE FALAM MAIS NO FUTE-
BOL — VITÓRIA ESPETACULAR DO
FLUMINENSE — TORCEDORES DE
ALTO BORDO

Texto de CARLOS BELMONTE

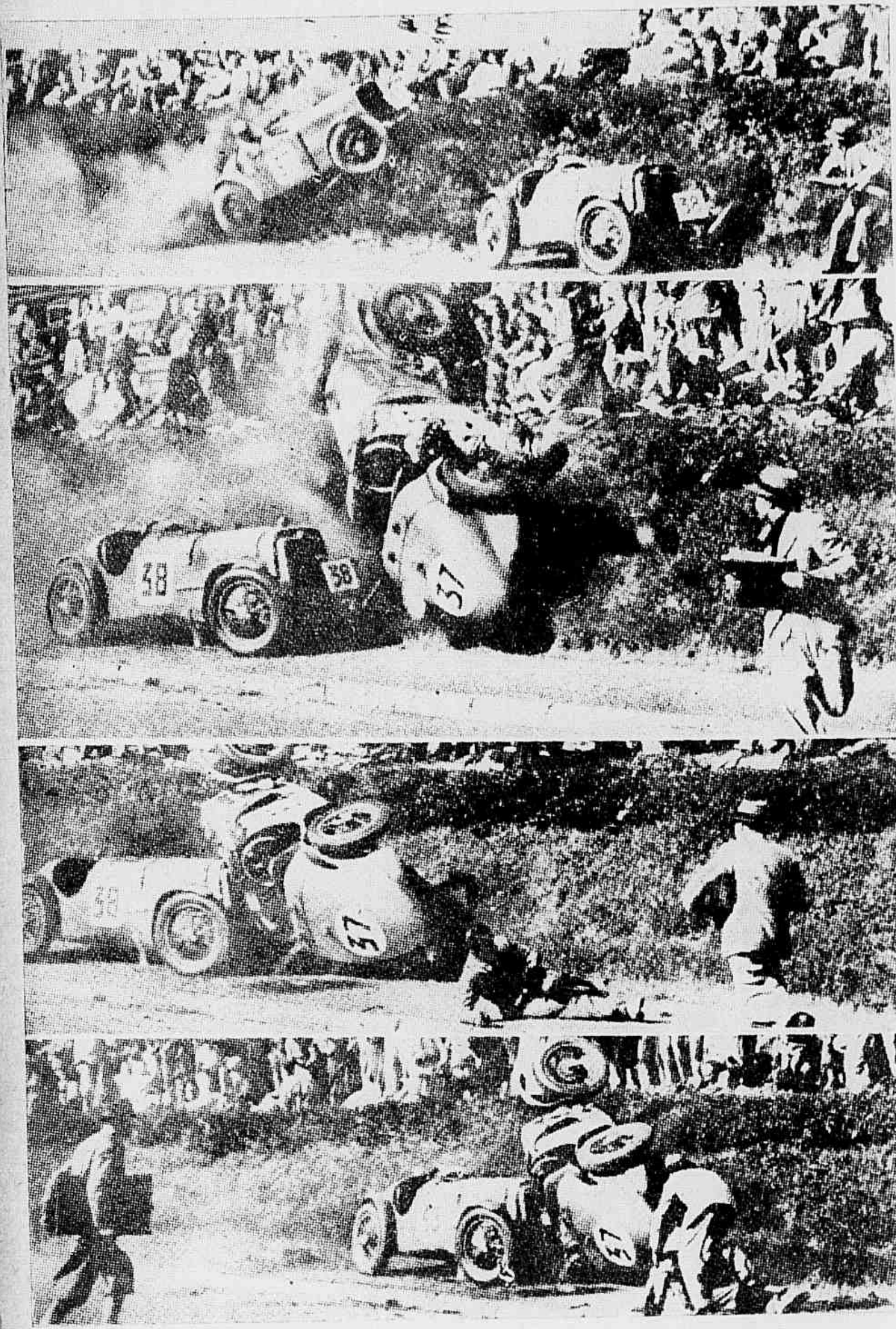
O FUTEBOLE tem uma atração irresistível sobre as massas e a primeira coisa que os garotos fazem quando ainda estão de calças curtas e dão os primeiros chutes nas peladas. É claro que a maioria não passa disso e mais tarde, recordando as partidas da infância e as paixões de clube tão naturais na infância, continuam fortemente ligados ao futebol, formando as massas que enchem os estádios. Aqui não pretendemos, porém, falar do torcedor comum, da arquibancada, e se nos referimos ao modo mais ou menos generalizado de como se começa a gostar de futebol, foi para mostrar que, mesmo as pessoas, que por contingências várias vêm a assumir posições em que não podem ou não fica bem o que se chama de torcer, ao me-

“ÊSSE É O

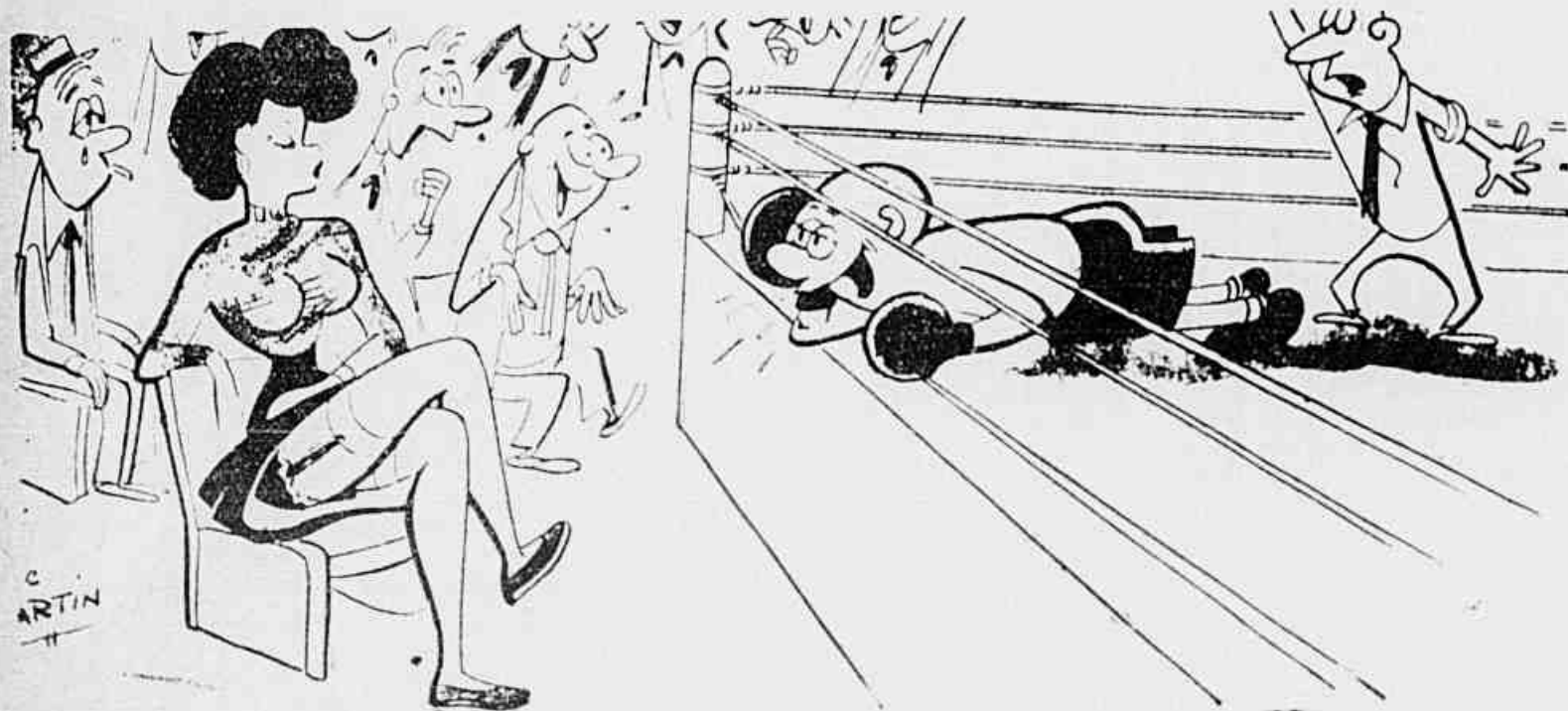
nos têm suas simpatias por determinado clube. Nunca será possível esquecer as emoções da infância e da mocidade, e por mais sublimadas que fiquem as tendências partidárias, toda gente sabe que fulano é Flamengo e sicrano é Vasco ou Fluminense. É claro que em raríssimas exceções essas pessoas torcem da forma de um assistente de arquibancada. A este faltaria a serenidade que a paixão violenta e desenfreada não dá, para julgar imparcialmente o que de bom ou de mal fez o seu quadro favorito. Por isso preferimos dizer que essas pessoas a quem vamos nos referir em seguida, propriamente não torcem: assistem a uma partida e naturalmente ficam satisfeitas se o seu clube simpático tem uma grande atuação ou sai vencedor...

OS QUE FALAM MAIS NO FUTEBOLE

NÃO seria admissível que um cronista ou um homem de rádio, especializados em futebol, deixassem de ter o seu clube de simpatia. O futebol é esporte essencialmente emoção e exigir que um cronista, para ser imparcial, não tivesse clube, seria quase uma tolice, se partirmos do princípio de que o valor de uma opinião sensata é tanto maior quando há um interesse em jogo. E o cronista esportivo, tendo o clube de sua simpatia, nem por isso deixa de criticá-lo, muitas vezes de forma até mais severa, pois que a sua simpatia deve ir até ao ponto de querer ver o clube trilhando o caminho certo em qualquer situação. Ademais, é reconhecido que, depois do longo e habitual contacto profissional com o futebol, a tendência é para o cronista ficar quase alheio às cores em jogo, mais atento à técnica e aos valores que lá em baixo no gramado lutam por mandar a bola às redes. Portanto, depois deste introito necessário, cremos poder apontar os nomes dos principais cronistas cariocas e seus respectivos clubes. Assim, Cannor Simões Coelho é Botafogo, como também o são Sandro Moreira, Walter Mesquita, Augusto Godoy, Arlindo Monteiro, Oscar Wright da Silva, Geraldo Romualdo da Silva, Fernando Bruce, Luiz Mendes, Lucio Guimarães, enquanto a legião dos rubro-negros é grande, com os nomes de



O PINTOR E O DESASTRE — Numa recente exposição dos mais sensacionais flagrantes esportivos destes últimos vinte anos, em Chicago, esta série, feita no Circuito de Ulster em 1935, voltou a ser premiada. Há o choque tremendo, que faz um pintor sair em disparada com a sua tela e palheta, mas ele é visto a seguir para socorrer os pilotos que, no final de tudo, receberam apenas ligeiras escoriações. Coincidência: numa pista de 20 quilômetros, o carro Singer 37 se choca com o Singer 38! "Mundo pequeno!"





GENERAL ESTILLAC LEAL



ARY BARROSO



LUIZ MENDES



LUIZ GALLOTTI

Jorge Leal, Ary Barroso, José Maria Scassa, Milton Pinheiro, Theo e Pilar Drumond, Mauricio Nauslauskys, Drumond Netto, Armando Santos. Vêm depois os cruzmaltinos, com Vasco Rocha, José da Silva Ro-

e Mario Signoretti. Não há dúvida possível, mas se passarmos ao setor fotográfico, o Flamengo terá a revanche, ganhando por maioria quase absoluta. Os homens que ficam lá no gramado, fotografando os craques, têm as seguintes preferências: Flamengo — Indaiassú Leite, José Santos, Nestor Leite, Angelo Regato, Nilo Ferreira, Pereirão, Casal, Rodrigues e Machado. Há três rubros, que são Antonio Monteiro, Angelo Gomes e Ernesto Santos. Geraldo Tonnel é Vasco e Renato Pinheiro é botafoguense. Mesmo assim, ainda parece ganhar o tricolor e o autor destas li-

(Canto do Rio), Alir Ribeiro Moss (S. Cristovão), Leibnitz Miranda (Olaria), e Alfredo Tranjan (Bonsucesso). E fora do futebol, vemos elementos que já tiveram maior ou menor contacto com as atividades esportivas. O desembargador Ary Franco já ocupou vários cargos de diretoria no clube de Moça Bonita e, conquanto seja ainda de família de Bangu, já mostrou muitas vezes que aqui na cidade seu clube é o Fluminense. O mesmo se diga de Alfredo Tranjan, que embora intimamente ligado ao Bonsucesso, tem no âmago da alma, suas simpatias pelo tricolor. O conhecido advogado Evandro Lins e Silva é botafoguense, tendo também defendido várias vezes o seu clube. Entre os escritores, Nelson Rodrigues é tricolor, José Lins do Rego, rubro-negro e Rachel de Queiroz, vascaína.

chas confessa também ser simpático às Laranjeiras...

TORCEDORES DE ALTO BORDO

MAS, além dos cronistas, há muitas outras pessoas de posição no esporte que têm o seu clube do coração. Entre os dirigentes, o presidente Rivadavia Correia Meyer, da C. B. D., é Botafogo, como também o é o presidente do C. N. D., Sr. Vargas Netto, e ainda o antigo presidente desse órgão Sr. João Lyra Filho. A presidência da Federação Metropolitana está entregue a um vascaína, que é o Sr. Inocêncio Leal. O Tribunal de Justiça Desportiva da entidade carioca está organizado com os seguintes membros: Darcy Roquete Vaz (Fluminense), Henrique Barbosa (Botafogo), Geraldo Otavio Guimarães (Botafogo), Lucio Marques de Souza (Vasco), Luiz Villasboas Arruda (Flamengo), Guilherme Pastor (Bangu), Cesar Luchetti (América), Fausto Alves de Souza (Madureira), Hamilton Xavier

Com a instituição da Taça Carioca, pelos confrades de "O Globo", achamos interessante dar ao conhecimento dos leitores as preferências clubísticas dos dirigentes do país. O presidente Getulio Vargas declarou não ter clube, o que não acontecia com seu antecessor. O presidente Dutra era declaradamente Flamengo, como o é o Sr. Luiz Gallotti. O prefeito João Carlos Vital é botafoguense, companheiro de clube do ministro Renato Guilhobel, enquanto o brigadeiro Nero Moura é Flamengo. Já o chefe de Polícia, general Ciro de Rezende declarou-nos que não torce por clube nenhum, embora tenha simpatia pelo Flamengo, Fluminense e Vasco, por já haver participado de diretorias desses grêmios. Mas o ministro Estillac Leal é francamente tricolor. O ministro Segadas Vianna é Vasco, enquanto o ministro Neprão de Lima, como mineiro, não tem clube no Rio.

cha, Julio Gamaro, Alvaro do Nascimento, Mario Provenzano, José Araujo e Paulino Lima. Os rubros são em número reduzido, aparecendo Luiz Bayer, Canarinho e Jayme Moreira Filho.

VITÓRIA ESPETACULAR DO FLUMINENSE

ALIAS muita gente pensa que a maior parte da imprensa é simpatizante do Flamengo, o que pode-se constatar ser inteiramente errado. Vimos acima os cronistas rubro-negros e bastará a simples constatação dos nomes que são conhecidos como tricolineiros, para ver que a vitória do Fluminense é realmente espetacular. Senão, vejamos: Mario Julio Rodrigues, Augusto Rodrigues, Paulo Rodrigues, Abraham Tebett, José Luiz Pinto, Paes Leme, Chico Netto, Antonio Cordeiro, Oduvaldo Cozzi, Domingos D'Angelo, Mariano Junior, Alver Valadão, Antonio Santasuzagna, Everardo Lopes, Luiz Queiroz, Alvaro Mota Lima

MEU CLUB!"

Cartilha Grapette



Eva vê o Vovô



Vovô vê a uva



Grapette é uma uva

A REVISTA SESINHO

NA OPINIÃO DE MESTRES E EDUCADORES

"Tendo dispensado atenta leitura a alguns exemplares de "Sesinho", posso externar com segurança o meu juízo de educador. Trata-se de revista cuja circulação entre educandos as casas de ensino podem autorizar e mesmo recomendar, por isso que é um excelente auxiliar do ensino, mercê da orientação pedagógica e inteligente com que é redigida. Digna de aplausos e de louvor a intenção e a habilidade com que se alcança em cheio o seu duplo objetivo: educar, divertindo".

a.) BRENO VIANA, diretor do Ginásio "Nogueira da Gama", Guaratinguetá — Est. de São Paulo — 5-6-50.

* * *

"Logo ao percorrer as interessantes páginas de "Sesinho" fiquei admirado pela boa apresentação da revista. Não há dúvida que todos os meninos que lêem a revista ficam encantados".

a.) IRMÃO ROSARIO, c. c. Juvenato "Sagrado Coração" — Campanha — Sul de Minas — 29-1-50.

* * *

"Agradeço o interessantíssimo exemplar de "Sesinho" e, exprimindo meus entusiásticos aplausos pela iniciativa, peço o favor de remeter outros exemplares para propaganda entre os alunos deste educandário".

a.) PADRE NORBERTO DIDONI — Colégio "São José", — Pouso Alegre — Minas — 1-3-50.

* * *

"Examinando a revista "Sesinho" achei-a útil e interessante. Rogo-lhe, pois, a fineza de remeter-me, se possível, os números já publicados, e de incluir o nome do nosso Colégio na lista de seus assinantes".

a.) IRMÃ NAZARETH DA TRANSFIGURAÇÃO — Conceição do Mato Dentro — Minas — 5-2-50.

* * *

"Chegou-nos às mãos um dos números da revista "Sesinho". Tendo-a apreciado grandemente, solicito o obséquio de enviar-me alguns exemplares, a fim de distribuí-los entre os alunos deste ginásio".

a.) JOÃO CAMARGO MONTEIRO — Diretor do Ginásio e Escola Técnica de Comércio "Barão de Antonina" — Mafra — Est. de Sta. Catarina — 27-1-50.

"Tendo lido com grande apreciação dois números da nova e interessante revista "Sesinho", venho pedir a V. S. a fineza de enviar-me outros números de propaganda. As crianças do curso primário irão gostar muitíssimo e certamente concorrerão para uma assinatura anual".

a.) IRMÃ HELENA (Filha da Caridade) — Diretora do Colégio "N. S. da Conceição" — Serro — Minas — 7-3-50.

* * *

"Agradavelmente surpreendido pela oferta amável de tão bela quanto útil revista infantil como o é o "Sesinho", venho, por meio desta, solicitar-vos material de propaganda a ser feita aqui neste ginásio. Creio terá esta vossa revista farta aceitação, embora já circulem algumas do mesmo gênero. Em o "Sesinho", porém, há uma particularidade que não possuem as outras congêneres: talvez por isto tenha ela mais aceitação: é o colorido das figuras. Para a criança não há como a côr".

a.) IRMÃO ROMANO — Ginásio "Santo Antônio" — Garibaldi — Rio Grande do Sul — 8-2-50.

* * *

"Estou certa de que as crianças muito apreciarão esta revista, que visa educá-las, moral e intelectualmente".

a.) IRMÃ AFONSINA DE OLIVEIRA — Diretora das Classes, Anexas à Escola Normal N. S. de Nazaré" — Conselheiro Lafaiete — Minas — 8-2-50.

* * *

"Agradecendo a honrosa oferta dessa interessante revista, pedimos a V. S. que nos remeta mais alguns exemplares, a fim de promovermos a sua difusão entre os estudantes deste estabelecimento".

a.) PEDRO FELICIO — Diretor da Escola Técnica de Comércio do Crato — Estado do Ceará — 1-2-50.

* * *

"A revista "Sesinho" foi aceita com júbilo por parte de nossos alunos".

a.) IVONE FRANCOZO — Diretora do Curso Primário do Colégio Estadual e Escola Normal "Dr. Francisco Thomaz de Carvalho" — Casa Branca — Est. de São Paulo — 10-3-50.

SESINHO

REVISTA DA CRIANÇA INTELIGENTE

APARECE NOS DIAS 15 DE CADA MÊS

DOIS CRUZEIROS

O EXEMPLAR EM TODO O BRASIL

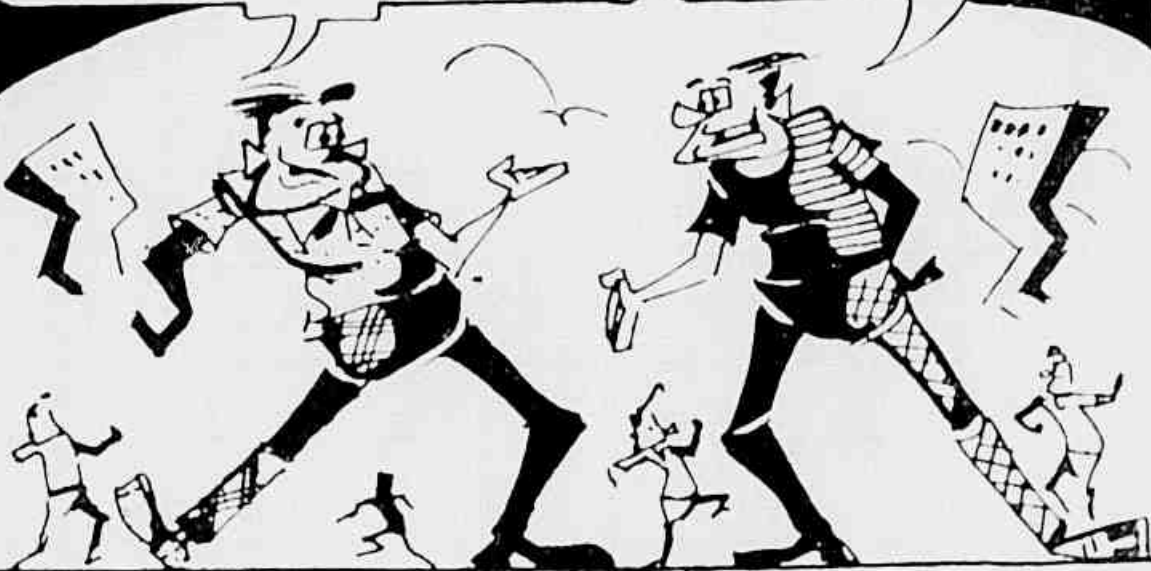
OTO GLORIA

OTO GLORIA ERA TREINADOR DE BASKET DO VASCO E PRATICAMENTE NÃO QUERIA NADA COM O FOOTBALL

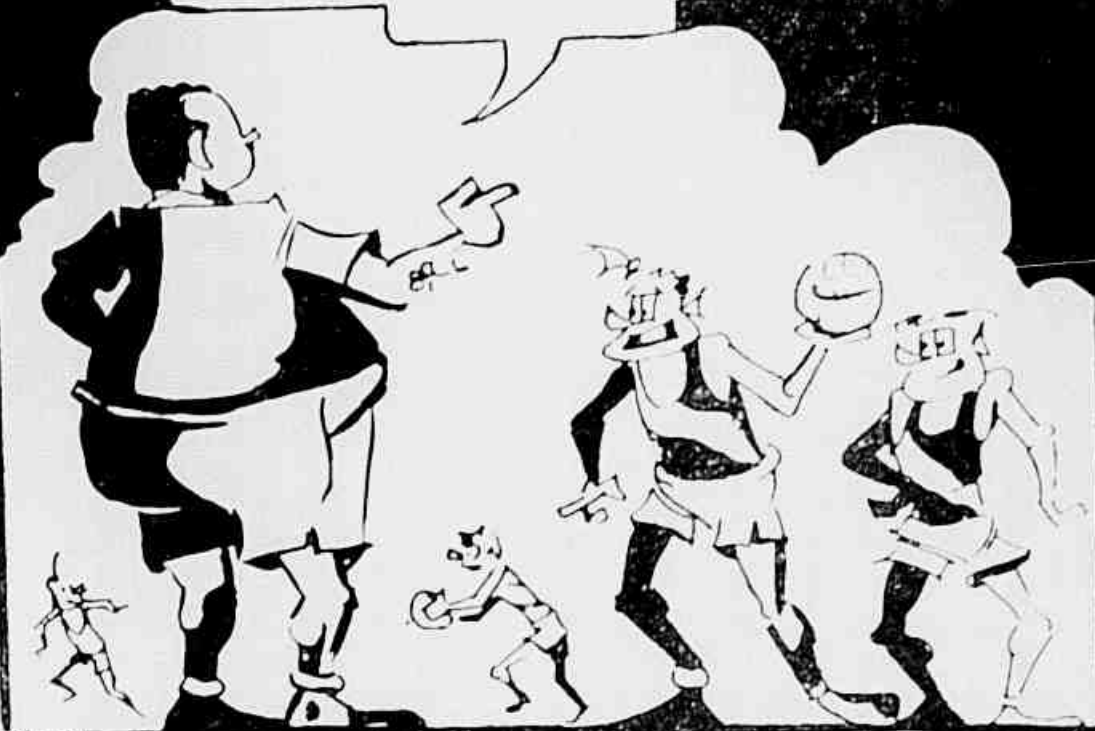
QUANDO FLÁVIO COSTA DEIXOU O VASCO TODA A CIDADE PERGUNTOU: QUEM SERÁ O NOVO TÉCNICO DO VASCO?

AQUELE TEAM DO VASCO NÃO PRECISA DE TÉCNICO !!

ATÉ EU SERIA TÉCNICO DAQUELE TEAM!



NO BASKET AS COISAS MAIS IMPORTANTES SÃO: A BOLA E A CESTA ...



COM O SOBRENOME DE GLÓRIA, OTO DEVEIA SER UMA GARANTIA PARA QUALQUER INICIATIVA !!!



MAS A SORTE GRANDE COUBE A OTO GLORIA MAIS TARDE VER-SE-IA QUE A SORTE NÃO ERA TÃO GRANDE ASSIM ...

PARABENS! CENTENAS DE TÉCNICOS INVEJAM A SUA SORTE!

SEREI TRI-CAMPEÃO EM UM SO' ANO!



UMA SÉRIE DE CONTUSÕES ARRUINOU A POTÊNCIA DO ESQUADRÃO VASCAÍNO, MAS A CULPA RECAIU EM OTO GLÓRIA

ÊLES PRECISAVAM DE UM CULPADO!



MAS OTO TEM ESPÍRITO FORTE E SABERÁ RESISTIR A TODAS AS ONDAS

NÃO HA DE SER NADA ... HAVEMOS DE CHEGAR NA FRENTE DO... FLAMENGO!





TRIO FINAL DO AMERICA:
JOEL, OSNY & OSMAR